



# Perfil de Prestação do Médio-Defensivo de Alto Rendimento em Futebol

Estudo de Caso Baseado na Comparação do  
Comportamento Tático-Técnico do Jogador  
com a Percepção do Treinador

José Gonçalves Pereira

Porto, 2008

# Perfil de Prestação do Médio-Defensivo de Alto Rendimento em Futebol

Estudo de Caso Baseado na Comparação do  
Comportamento Tático-Técnico do Jogador  
com a Percepção do Treinador

Monografia realizada no âmbito da disciplina de  
Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto  
e Educação Física, na área de Desporto de  
Rendimento - Opção de Futebol, da Faculdade de  
Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Prof. Doutor António Natal Campos Rebelo

Autor: José Gonçalves Pereira

Porto, 2008

---

Pereira, J. (2008). *Perfil de Prestação do Médio-Defensivo de Alto rendimento em Futebol. Estudo de caso baseado na comparação do comportamento tático-técnico do jogador com a percepção do treinador*. Porto: J. Pereira. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**PALAVRAS-CHAVE:** FUTEBOL, MODELAÇÃO, MÉDIO-DEFENSIVO, ACÇÕES TÁCTICO-TÉCNICAS, PERCEPÇÃO DO TREINADOR.

---

## **AGRADECIMENTOS**

---

Ao Prof. António Natal, pelo exemplo de competência, mas sobretudo por um “saber-estar” exemplar que me transmitiu nos poucos, mas produtivos momentos em que tive o prazer de consigo estar. Faz parte da minha formação académica e profissional, um privilégio ...

Ao Treinador do atleta em estudo, pela disponibilidade, paciência e cedência de informação demonstrada durante o preenchimento do questionário.

Á Inês, pela preciosa ajuda e paciência na realização deste trabalho. Uma Amiga... e uma fonte de alegria. Por me lembrar vezes sem conta ao longo dos anos: “ se tu quiseres, tu consegues. Porque não és burro nenhum!”. Por tê-lo repetido vezes sem conta e nos momentos chave, não para agradar mas por acreditar. Muito obrigado.

Sem contribuírem directamente para este estudo, aproveito este espaço para agradecer às pessoas que mais marcaram o meu percurso académico:

Ao Prof. Vítor Frade, não pelo que me ensinou mas, pela forma como me conduziu a descobrir um «pensamento» sobre o Futebol.

Ao Prof. Júlio Garganta, Prof. José Guilherme Oliveira e restantes professores da Faculdade de Desporto, acredito que a qualidade da nossa formação irá marcar para sempre a diferença.

Aos meus Irmãos de Armas, Mike e Leiria... que dizer de tão ilustres indivíduos. Cada um de nós seguiu o seu caminho, mas é sempre bom saber que nos continuamos a encontrar neste ou naquele cruzamento da vida.

Ao Ivan, pelo constante apoio, incentivo, e amizade ao longo dos anos. E claro, pelas noites passadas a falar da bola. Desde já aproveito para agradecer à Lígia... por nos aturar.

Ao Tiago Bastos, por ter sido sempre um bom conselheiro e um verdadeiro amigo. Contigo aprendi que por vezes é melhor largar algumas coisas na nossa vida, se eventualmente voltarem é porque são nossas, se não voltarem é porque não são. You are my ambassador of Kaya, man!!!

À CCPP, é um privilégio pertencer a este *mui nobre* grupo. Os momentos passados com vocês levo comigo para a vida. Obrigado a todos... e nunca se esqueçam, *dura praxis, sed praxis*.

E assim como quem não quer a coisa, ao Pessoal da Arroteia e aos membros dos Cheios de Contente I e II... porquê?... Porque sim.

À taniaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa, porque foi ela que escreveu isto.

À minha preguiça, por ter ido de férias.

Ao meu mano Filipe, és um protótipo de Deus, um mutante nunca pensado para produção em massa... estranho de mais para viver e raro de mais para morrer. És um irmão exemplar...Grande Irmão!!!

E claro, aos meus pais, André e Elisa. Os melhores pais do mundo, aos quais tudo na minha vida lhes devo... só eu sei tudo que sacrificaram por me ver chegar a este ponto. O meu eterno agradecimento... Adoro-vos!!!

## ÍNDICE GERAL

---

	Pág.
Agradecimentos	i
Índice	iii
Índice de Figuras	v
Índice de Quadros	vi
Resumo	viii
Abstract	ix
Résumé	x
Lista de Abreviaturas	xi
1. Introdução	1
2. Revisão da Literatura	5
2.1. Observação e Análise do Jogo de Futebol	5
2.1.1. Observação e Análise do Comportamento do Jogador	9
2.1.1. Observação e Análise do Comportamento do Médio-defensivo	12
2.2. Estatuto Posicional e Características do Médio-defensivo	14
2.3. Modelação Táctica: As Facetas Colectiva e Individual	15
2.3.1. Modelação dos Comportamentos Tático-Técnicos do Jogador Médio-defensivo	18
2.3.1.1. Os Comportamentos Tático-Técnicos Específicos do Jogador Médio-defensivo no Processo Defensivo	19
2.3.1.2. Os Comportamentos Tático-Técnicos Específicos do Jogador Médio-defensivo no Processo Ofensivo	20
3. Objectivos	23
3.1. Objectivo geral	23
3.2. Objectivos específicos	23
4. Material e Métodos	25
4.1. Amostra	25
4.2. Procedimentos	25
4.2.1. Critérios de Selecção e Diferenciação dos Jogos Analisados	26
4.2.2. Material Utilizado na Observação e Recolha de Dados	27
4.2.3. Descrição das Variáveis	27
4.2.4. Procedimentos Estatísticos	37
5. Apresentação e Discussão dos Resultados	39
5.1. Sequências Ofensivas e Defensivas com Participação do Médio-Defensivo	39

5.2. Zonas, Sectores e Corredores do Terreno de Jogo Ocupados pelo Médio-Defensivo durante o Processo Ofensivo e Defensivo	40
5.3. Processo Ofensivo	42
5.3.1. Acções sem Bola	42
5.3.2. Acções com Bola	44
5.4. Processo Defensivo	50
5.5. Perfil de Prestação do Jogador Médio-defensivo	53
5.6. Congruência entre o Perfil de Prestação do Médio-defensivo e a Percepção do Treinador	55
6. Conclusões	56
7. Referências Bibliográficas	58
Anexos	

**ÍNDICE DE FIGURAS**

---

		Pág.
Figura 1	Modelo topográfico proposto por Castelo (1992,1994).	10
Figura 2	Modelo topográfico proposto por Garganta (1997).	10
Figura 3	Variação percentual de utilização das várias zonas, sectores e corredores em função do resultado momentâneo do jogo (adaptado de Castelo, 1994).	11
Figura 4	Representação gráfica da intervenção preferencial sobre a bola durante o Processo Ofensivo por parte dos vários jogadores pertencentes aos vários sectores do sistema de jogo da equipa (adaptado de Castelo, 1994).	13
Figura 5	Percentagem de acções táctico-técnicas ofensivas realizadas sem bola, durante o Processo Ofensivo por zonas, sectores e corredores.	44
Figura 6	Percentagem de acções táctico-técnicas ofensivas realizadas com bola, durante o Processo Ofensivo por zonas, sectores e corredores.	50
Figuras 7	Percentagem de acções táctico-técnicas realizadas pelo JMD durante o Processo Defensivo por zonas, sectores e corredores.	53

## ÍNDICE DE QUADROS

---

	Pág.	
Quadro 1	Análise das intervenções sobre a bola dos jogadores e sectores da equipa, por Jogo (média) (Castelo, 1994).	12
Quadro 2	Distribuição da amostra ao longo da época desportiva.	26
Quadro 3	Jogos de nível inferior	27
Quadro 4	Jogos de nível superior	27
Quadro 5	Média e Desvio Padrão ( $x \pm dp$ ), frequência e percentagem do número de sequências ofensivas e defensivas por nível de jogo e factor casa/fora.	39
Quadro 6	Média e Desvio Padrão ( $x \pm dp$ ), para as zonas, sectores e corredores de jogo, considerando o nível de jogo e o factor casa/ fora.	40
Quadro 7	Média e Desvio Padrão ( $x \pm dp$ ) das acções táctico-técnicas ofensivas sem bola.	42
Quadro 8	Frequência e percentagem das acções táctico-técnicas sem bola, do Processo Ofensivo, por zonas, sectores e corredores.	43
Quadro 9	Média e Desvio Padrão ( $x \pm dp$ ) das acções táctico-técnicas ofensivas com bola.	45
Quadro 10	Frequência e percentagem das acções táctico-técnicas com bola do Processo Ofensivo, por zonas, sectores e corredores.	46
Quadro 11	Frequência e percentagem dos tipos de passe, realizados pelo JMD.	47
Quadro 12	Frequência e percentagem do numero de contactos na bola do passe e recepção.	48
Quadro 13	Frequência e percentagem das formas de recuperação da posse de bola por parte do JMD.	49
Quadro 14	Relação numérica nas zonas de perda da posse de bola	49
Quadro 15	Média e Desvio Padrão ( $x \pm dp$ ) das acções táctico-técnicas do Processo Defensivo.	50
Quadro 16	Frequência e percentagem das acções táctico-technicos do Processo defensivo, por zonas e sectores.	51
Quadro 17	Frequência e percentagem das recuperações de bola da equipa e do JMD.	52

Quadro 18	Frequência e percentagem das formas de recuperação da posse de bola.	52
Quadro 19	Relação Numérica nas zonas de recuperação da posse de bola, por parte do JMD	52
Quadro 20	Congruência entre o perfil de prestação do JMD e a percepção do treinador.	55

## RESUMO

---

O problema do presente estudo, consistiu em saber em que medida os comportamentos realizados no momento da competição, são os comportamentos observados pelo treinador. Simultaneamente pretendemos caracterizar o perfil de prestação tático-técnica do jogador médio-defensivo no processo defensivo e ofensivo, considerando o nível de jogo das equipas adversárias e o factor casa/fora. Tratou-se de um estudo de caso, de um jogador de Alto Rendimento de uma equipa da I Liga Nacional.

Para a realização da análise qualitativa e quantitativa dos factores que caracterizam o perfil de prestação tático-técnica do Jogador Médio-defensivo recorreremos à observação sistemática em diferido de 348 sequências de jogo ofensivas e 482 sequências defensivas, extraídas de 12 jogos realizados pelo jogador observado, ao longo de uma época desportiva e por um questionário aplicado ao treinador do atleta em estudo, a partir dos quais foram observados os comportamentos do jogador e se procedeu à comparação com a percepção do treinador.

Do presente estudo emergem as seguintes conclusões principais:

Durante o Processo Ofensivo o JMD, (i) realiza mais desmarcações em apoio negativas, passes negativos e conduções com progressão negativas quando joga fora; (ii) os espaços do terreno de jogo preferencialmente utilizados, são a zona média defensiva central (zona 5), o sector médio defensivo (SMD) e o corredor central (CC); (iii) a desmarcação de apoio é a acção tático-técnica utilizada com mais frequência (sem bola); (iv) a zona 5, o SMD e o CC, são os espaços onde as desmarcações de apoio e de ruptura são mais eficazes; (v) o passe é a acção tático-técnica utilizada com mais frequência e com alto nível de eficácia (com bola); (vi) o tipo de passe utilizado com mais frequência e eficácia, é o passe curto/médio, rasteiro e para a frente ou para o lado;

Durante o Processo Defensivo: (i) o jogador não é condicionado pelo factor casa/fora nem pelo nível das equipas adversárias; (ii) a zona 5, o SMD e o CC, são os espaços de jogo preferencialmente utilizados para recuperar a posse de bola; (iii) revela um alto nível de eficácia ao nível da recuperação da posse de bola; (iv) defende de forma activa, participando frequentemente na recuperação da bola; (v) a interceptação é a acção tático-técnica mais eficaz na recuperação da posse de bola; (vi) o jogador recupera mais vezes a posse de bola quando se encontra em superioridade numérica.

**PALAVRAS-CHAVE:** FUTEBOL, MODELAÇÃO, MÉDIO-DEFENSIVO, ACÇÕES TÁTICO-TÉCNICAS, PERCEPÇÃO DO TREINADOR.

## ABSTRACT

---

The object of this study consists in discovering to what measure the actions executed by the player during competition, are the same actions perceived by the coach. Simultaneously, we intend to characterize the tactical and technical performance profile of the Defensive-midfielder during the defensive and offensive process, taking into consideration the level of the adversaries and the home/away factor. This is a case study on a high performance player, from the Portuguese 1<sup>st</sup> League.

For the qualitative and quantitative analysis of the factors that characterize the tactical-technical performance profile of the Defensive-midfielder we based our case study on the systematic analysis of 830 game sequences, 348 offensive sequences and 482 defensive sequences, taken from 12 games in which the Defensive-midfielder played in during the season, and a questionnaire filled out by the player's coach. The player's behavior and actions were then observed and the comparison with his coach's perception was established.

During the present study, the following conclusions were reached.

During the Offensive Process the Defensive-midfielder, (i) executes more negative support positioning, negative passes e negative dribbles in progression, when playing away; (ii) the zones preferably used on the pitch where the central mid defensive zone (zone 5), the medium defensive sector and the central corridor; (iii) desmarcação de apoio is the most frequent tactical-technical action (without the ball); (iv) zone 5, the medium defensive sector and the central corridor are the spaces where the support positioning and forward runs are most efficient; (v) the pass is the tactical-technical action used with the most frequency and with high efficiency (with the ball); (vi) the most frequent and efficient type of pass was the short/medium pass, through the ground and to the front or side.

During the Defensive Process the Defensive-midfielder: (i) the player is not conditioned by the home/ away factor nor the opponents level; (ii) zone 5, the medium defensive sector and the central corridor where the zones preferably used for recovering the ball; (iii) has a high efficiency level at recovering the ball; (iv) defends actively, participating frequently in ball recovery; (v) the interception was the most efficient tactical-technical action during ball recovery; (vi) the player recovers more ball when in numeric superiority.

**KEY WORDS:** FOOTBALL, MODELING, DEFENSIVE-MIDFIELDER, PERCEPTION, TACTICAL-TECHNICAL ACTIONS.

## RESUMÉ

---

L'objet de cette étude consiste à découvrir dans quelle mesure les actions exécutées par le joueur lors de la concurrence, sont les mêmes actions perçues par l'entraîneur. En même temps, nous avons l'intention de caractériser les tactiques et les performances techniques du profil-milieu de terrain défensif au cours de la défensive et offensive processus, en tenant compte du niveau des adversaires et de la maison / away facteur. Il s'agit d'une étude de cas sur un lecteur haute performance, de la 1ère Ligue portugaise.

Pour l'étude qualitative et quantitative des facteurs qui caractérisent la tactique profil de performance technique de la milieu de terrain-Defensive nous avons basé notre étude de cas sur l'étude systématique de 830 séquences de jeu, 348 offensive séquences et 480 défense des séquences, des prises de 12 jeux dans lesquels -le milieu de terrain défensif joué au cours de la saison, et un questionnaire déposé par le joueur de l'entraîneur. Le joueur le comportement et les actions ont ensuite été observés et la comparaison avec son entraîneur de la perception a été créé.

Au cours de la présente étude, les conclusions suivantes ont été atteints. Au cours de l'offensive le processus-milieu de terrain défensif, (i) exécute les plus négatifs de démarquer de soutien, passe e négative négative dribble en progression, lors de la lecture de loin, (ii) les zones utilisées de préférence sur le terrain où le milieu défensif central zone (zone 5), la moyenne du secteur défensif et le couloir central, (iii) démarquer de soutien est la plus fréquente tactique-action technique (sans la balle), (iv) la zone 5, le moyen de défense et le couloir central sont les espaces où la démarquer de soutien et de rupture sont les plus efficaces; (v) la carte est la tactique d'action technique utilisée avec le plus de fréquence et avec une grande efficacité (avec la balle), (vi) les plus fréquentes et efficaces de type col était court / moyen transmettre, par l'intermédiaire du sol et à l'avant ou à côté.

Au cours de la défensive processus de la défensive-milieu de terrain: (i), le joueur n'est pas conditionné par la maison / facteur de loin, ni les opposants à niveau, (ii) la zone 5, le moyen de défense et le couloir central où les zones de préférence utilisé récupération de la balle, (iii) a une efficacité de haut niveau à récupérer la balle, (iv) défend activement, en participant fréquemment à la récupération de balle, (v) l'interception a été le plus efficace tactique et technique balle au cours de l'action de récupération, (vi), le joueur récupère plus de ballon au moment de supériorité numérique.

**MOT-CLÉ:** FOOTBALL, MODÉLISATION, MILIEU DÉFENSIF, PERCEPTION, ACTIONS TACTIQUE-TECHNIQUE.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIMBOLOS**

---

Ass	Assistência
C	Casa
CC	Corredor central
CCP	Condução de bola com progressão
CD	Corredor direito
CE	Corredor esquerdo
CCPP	Condução com progressão positiva
CCPN	Condução com progressão negativa
CSPP	Condução de bola sem progressão positiva
CSP	Condução de bola sem progressão negativa
D	Derrota
DAN	Desmarcação de apoio negativo
DAP	Desmarcação de apoio positivo
DC	Zona defensiva central
DD	Zona defensiva direita
DE	Zona defensiva esquerda
DA	Defesa activa
DP	Defesa passiva
DES	Desarme
DRN	Desmarcação de ruptura negativa
DRP	Desmarcação de ruptura positiva
E	Empate
EP	Êxito Parcial
ER	Erro
ET	Êxito Total
F	Fora
FIN	Finalização
FPPB	Forma de perda da posse de bola
FRPB	Forma de recuperação da posse de bola
IG	Igualdade numérica
INF	Inferioridade numérica

INT	Intercepção
ISO	Início da sequência ofensiva
JDC	Jogos Desportivos Colectivos
JMD	Jogador Médio-defensivo
MDC	Zona média defensiva central
MDD	Zona média defensiva direita
MDE	Zona média defensiva esquerda
MOC	Zona média ofensiva central
MOD	Zona média ofensiva direita
NctC	Numero de contactos na condução
NctP	Numero de contactos no passe
NctR	Numero de contactos na recepção
OC	Zona ofensiva central
OD	Zona ofensiva direita
OE	Zona ofensiva esquerda
OS	Outras situações
PASSN	Passe negativo
PASSP	Passe positivo
PD	Processo defensivo
PO	Processo ofensivo
RN	Recepção negativa
RNC	Relação numérica na condução
RND	Relação numérica na desmarcação
RNZP	Relação numérica na zona de passe
RNZPPB	Relação numérica na zona de perda da posse de bola
RNZRP	Relação numérica na zona de recepção do passe
RP	Recepção positiva
RRPB	Resultado da recuperação da posse de bola
SD	Sector defensivo
SE	Sem êxito
SeD	Sequência defensiva
SeO	Sequência ofensiva
SMD	Sector médio defensivo

SMO	Sector médio ofensivo
SO	Sector ofensivo
SUP	Superioridade numérica
V	Vitória
ZOJISO	Zona ocupada pelo jogador no inicio da sequência ofensiva
ZP	Zona de Passe
ZPPB	Zona de perda da posse de bola
ZRP	Zona de recepção do passe
ZRPBJ	Zona de recuperação da posse de bola pelo jogador

## 1. INTRODUÇÃO

---

As exigências do alto rendimento em futebol têm conduzido, cada vez mais, a uma especialização das funções dos jogadores no seio das equipas. Os jogadores ocupam diferentes posições específicas dentro do campo, ou seja, possuem acções distintas em função da sua especialização funcional. No entanto é necessário que cada jogador, para além de tomar consciência da superfície do terreno de jogo que ocupa, dos seus limites, das suas funções específicas de base (táctica individual), deverá conhecer igualmente as funções dos seus companheiros e estar preparado para interagir com eles numa situação de jogo ou, em caso de necessidade, assumir ele próprio essas mesmas funções. É neste sentido que as funções individuais devem subordinar-se aos objectivos tácticos colectivos (Castelo, 1996).

O grau de coesão de uma equipa aumenta com a compreensão, por parte de todos os seus jogadores, das tarefas e responsabilidades que lhes competem como colectivo. Assim todos os jogadores devem total consciência que o grupo está sempre primeiro e é sempre mais importante do que o indivíduo (Dugrand, 1989). Neste sentido, considerando a equipa como uma unidade, característica que advém de uma cultura organizacional específica (Pinto, 1997), só uma cultura táctica sólida e alargada permite aos seus jogadores a integração e a participação eficaz no seio da equipa, qualquer que seja o modelo de jogo preconizado (Gréhaigne, 1992).

Adicionalmente, o jogo de Futebol, pela natureza e diversidade de factores que concorrem para o alcance da excelência, evidencia uma estrutura multifactorial de grande complexidade (Rebelo, 1993; Pinto, 1996; Garganta, 1997), sendo considerado, de entre os demais jogos desportivos colectivos (JDC), o que comporta um maior grau de indeterminismo (Gréhaigne & Guillon, 1992; Dufour, 1993). Pode dizer-se que por trás de um simples jogo de Futebol se esconde um fenómeno que assenta numa lógica complexa, decorrente da elevada imprevisibilidade e aleatoriedade dos factos do jogo, o que poderá contribuir para a dificuldade em prever os resultados desportivos (Garganta, 1997; Garganta & Cunha e Silva, 2000). Como forma de reduzir essas dificuldades torna-se necessário identificar e registar características ou

indicadores de qualidade, a partir da análise qualitativa e quantitativa dos comportamentos expressos pelos jogadores em jogo (Garganta, 1997; 1999; 2000).

Para a total compreensão do jogo, os treinadores necessitam tanto de informações relevantes e concretas do que acontece no terreno de jogo, como o entendimento dos jogadores em relação às acções e movimentações a realizar durante o jogo. Só assim, os treinadores terão a possibilidade de corrigir e aperfeiçoar os comportamentos perturbadores do funcionamento harmonioso da equipa, dentro da sua concepção (Carneiro, 2001).

Um dos princípios mais importantes no treino da actividade competitiva em Futebol, passa pela necessidade de criar modelos da actividade do jogo dos futebolistas de elite, e assim, introduzir medidas de correcção no processo de treino, valorizar de forma indirecta a capacidade de trabalho dos jogadores, a individualização do treino e o posterior aperfeiçoamento da estrutura do jogo (Godik e Popov, 1993 cit. por Sousa 2000).

A modelação táctica no Futebol apresenta-se, como um dos factores que mais parece condicionar a prestação dos jogadores e das equipas (Konzag, 1983; Teoduresco, 1984; Schabel, 1988; Faria & Tavares, 1992; Gréhaigne, 1992; Moutinho, 1993; Castelo, 1994 e 1996; Garganta, 1996 e 1997; Pinto, 1996). Actualmente, a modelação constitui-se como um pressuposto fundamental na dinamização, enquadramento e orientação da definição de objectivos, selecção de meios e de métodos mais adequados para o processo de treino, e desta forma obter melhores rendimentos (Garganta, 1996).

No sentido de edificar a sua metodologia de treino, o treinador, com base nas suas ideias, elabora e adopta modelos (de jogo, de jogador, de treino) que têm como principal função fornecer representações (modelos) de sistemas complexos (jogo, treino, equipa, jogadores), através da ênfase de um conjunto de referências fundamentais ao nível da competição e do processo de treino.

Porém, na prática nem sempre existe uma relação evidente entre o modelo de jogo do treinador e as acções que os jogadores e a equipa desenvolvem na competição. Assim sendo, a congruência que deve existir entre os princípios

que regem o treino e o que os jogadores realizam no momento da competição parece estar comprometida (Araújo, 1998). Com base neste pressuposto, o nosso trabalho surge com o propósito de comparar a prestação táctico-técnica do jogador médio-defensivo com a percepção que o treinador tem das acções realizadas pelo jogador no momento da competição, considerando a sua expressão qualitativa e quantitativa.

Na perspectiva supracitada, o jogador médio-defensivo surge com funções preponderantes em relação a todos os outros jogadores, pela sua participação crucial tanto na organização defensiva como ofensiva. Assim, o papel deste jogador revela uma importância decisiva na prestação competitiva da equipa e, conseqüentemente, no resultado do jogo. Contudo, na literatura disponível podemos constatar a escassez de estudos desta natureza quer a nível nacional, quer a nível internacional. O que parece reflectir que apesar da importância decisiva que lhe é atribuída, pouco se conhece acerca do perfil táctico-técnico do médio-defensivo, avaliado em situação real de jogo. Neste sentido, a pertinência deste trabalho surge na perspectiva de contribuir para a possível colmatação de uma lacuna existente na comunidade técnico-científico ligada ao Futebol.

De acordo com o exposto, o estudo pretende verificar se os comportamentos realizados pelo jogador no momento da competição (jogo) são os comportamentos observados pelo treinador. Simultaneamente, pretendemos caracterizar o perfil de prestação táctico-técnico do médio-defensivo no processo defensivo e ofensivo, considerando o nível de jogo das equipas adversárias e o factor casa/fora. Trata-se de um estudo de caso, de um jogador de Alto Rendimento de uma equipa da I Liga Nacional.



## 2. REVISÃO DA LITERATURA

---

### 2.1. OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DO JOGO DE FUTEBOL

*“... no futebol a informação sobre a actividade competitiva é excepcionalmente importante, na medida em que constitui um critério fundamental para a preparação dos jogadores e das equipas e para a organização dos processos de ensino e de treino.”*  
(Garganta et al., 2002)

O jogo de Futebol é vivenciado, observado e analisado por um número elevado de pessoas por todo o globo terrestre. Este facto, não implica necessariamente, que todas essas pessoas que se manifestem acerca do fenómeno futebolístico se reclamem de peritas e entendidas no assunto. Aliás, são muito poucas as pessoas que conseguem observar e compreender o jogo numa perspectiva, efectivamente imparcial. Se por um lado para o espectador comum o fenómeno da parcialidade é vivenciado de forma relevante, a comunidade técnico-científica tem de, obrigatoriamente, possuir a capacidade de se abstrair deste fenómeno, sob pena de comprometer a capacidade de perceber o tipo de acções que se associam à eficácia das equipas. A imparcialidade surge então como ferramenta para aumentar os conhecimentos acerca do conteúdo de jogo e da sua lógica, com o objectivo de modelar as situações de treino na procura da eficácia competitiva (Garganta, 2000). Assim, parecem confrontadas duas formas de estar no futebol, a dos espectadores comuns e a dos investigadores e treinadores, o que leva a que haja diferentes opiniões acerca do mesmo jogador, da mesma equipa e do mesmo jogo.

“Um dos objectivos da análise do jogo é contribuir para diferenciar as opiniões dos factos. Todavia, e não obstante a análise do jogo disponibilizar informação importante, permanece ainda uma certa resistência à sua utilização, baseada na visão tradicional de que os treinadores experientes podem observar um jogo sem qualquer sistema de apoio à observação, e que retêm com precisão os elementos críticos do jogo” (Franks & McGarry, 1996 cit. por Garganta, 2000). Por tudo isto, o Futebol é considerado um jogo de apreciações. No Futebol, os espectadores tendem a criar apreciações ilusórias sobre factores determinantes do sucesso num jogo. Contudo, para se seguir o caminho do

sucesso e do êxito, é muito importante transformo-nos para lá das opiniões ou das apreciações, apesar da consideração que lhes possamos atribuir e da validade que possam efectivamente possuir (Carneiro, 2001).

Cada vez mais, no caso particular do Futebol, tem-se vindo a valorizar a valência da análise de jogo, que compreende a observação da prestação em competição, pelas equipas e pelos respectivos jogadores, como um argumento cada vez mais pertinente e relevante. A explicação para este facto poderá residir nas vantagens que conseqüentemente poderão advir de uma boa observação. Essa observação traduz-se em informação qualitativa e quantitativa que pode e deve emanar para o treino e viabilizar a regulação da prestação competitiva (Garganta, 2000).

Santos (2003) refere que, actualmente, o grande desafio que se apresenta aos investigadores é o de encontrarem processos que optimizem, simultaneamente, os conhecimentos disponíveis e os processos de preparação, deixando os treinadores e os atletas mais libertos para exercerem, no terreno, o seu talento e a sua mestria. Todavia, a identificação dos factores de rendimento que contribuem para o sucesso das equipas é uma tarefa difícil e complexa. Neste sentido, para que essa identificação seja profícua, recorre-se à análise do jogo como um meio importante para o conhecimento do mesmo, partindo da observação da prestação dos jogadores e das equipas (Garganta 1997). Mourinho (2000, cit. por Mendes, 2002) partilha desta opinião ao frisar que a observação é algo "... fundamental, não só ao nível individual mas também a nível colectivo...", e possibilita como refere Peres (2001), a melhoria dos aspectos táctico-técnicos da equipa. Para Franks e McGarry (1996) a primeira função da análise do jogo é a de oferecer ao treinador informação sobre a performance do jogador e/ou da equipa.

Dufour (1993) afirma que a evolução do Futebol, tende para as formas mais lógicas, mais racionais, mais eficazes, sendo que este processo não pode ficar unicamente a cargo dos jogadores. Os treinadores têm o dever de acelerar esse processo, o que será possível através da observação e análise dos jogos. Segundo trabalhos de Hughes e Franks (1997), os treinadores experientes, demonstraram que apenas conseguem recolher 42% dos factores-chave que determinam a boa performance das equipas durante o jogo. Durante um jogo

de futebol, por exemplo, as decisões controversas por parte dos árbitros e feitos técnicos excepcionais por parte de alguns jogadores são facilmente lembrados, e tendem a distorcer a percepção do treinador sobre o jogo. Os momentos recordados são normalmente os acontecimentos que se destacaram durante o jogo (Franks, 2004). Sendo assim, a investigação em Futebol deve centrar-se na quantificação e qualificação das acções de jogo. Deve ser através da observação sistemática dos comportamentos dos jogadores em jogo que identificamos as tendências relevantes que, pela sua constância, possam contribuir para a elaboração de modelos (Queiroz, 1986).

Face à necessidade de melhor se perceber os constrangimentos que concorrem para sucessos e insucessos nos cenários de prática desportiva, a análise da performance é, reconhecidamente, uma área com aplicações fecundas na investigação (Garganta, 2007). Assim a análise do jogo (AJ) é um instrumento essencial para detectar as características fundamentais das equipas e dos jogadores bem sucedidos, assumindo uma importância fundamental nos processos de preparação desportiva e disponibilizando informações valiosas para uma melhor percepção da organização do jogo e dos factores que concorrem para o sucesso desportivo (Garganta, 1996).

Segundo Araújo (1998), a observação, registo e análise prendem-se, essencialmente, com a recolha, selecção e tratamento da maior quantidade de informação qualitativa possível acerca da nossa equipa e adversários. Ainda para o mesmo autor a observação tem como objectivo controlar a produção da equipa que treinamos face aos objectivos apontados. A partir da análise do jogo, e perante o tratamento dado aos resultados obtidos, podemos avaliar a prestação individual e colectiva das equipas. Garganta (1997), sustenta que a análise do jogo, realizada a partir da observação da prestação dos jogadores e das equipas, tem constituído um importante meio para aceder ao conhecimento do jogo, quer no que concerne às exigências físicas, quer no que respeita à expressão táctica e técnica dos comportamentos. Para o mesmo autor, as áreas exploradas pela análise do jogo de futebol são: i) Actividade física (distância percorrida por um atleta durante um jogo, tipo e intensidade dos deslocamentos, duração das acções); ii) Acções técnicas (indicadores quantitativos, indicadores qualitativos), e iii) Dimensão táctica.

Segundo Garganta (1997,1999) e tendo em consideração as diversas categorias e níveis de análise a que têm sido alvo de estudo por parte dos investigadores, existem três grandes eixos de análise do jogo de Futebol:

- i. Análise centrada nas acções ofensivas. “Este tipo de análise tem incidido, sobretudo, na dimensão quantitativa da expressão técnica, no quadro das acções que conduzem à obtenção de golos (Jinshan et al., 1993), nomeadamente, ao nível do remate (Gayoso, 1980a, 1982b; Van Meerbeek et al., 1993; Puignare e Reys, 1990), dos contactos com bola (Morris, 1981), dos passes (Church & Hughes, 1986; Calligaris et al., 1990) e dos cruzamentos (Franks & Nagelkerke, 1988; Partridge & Franks, 1989a,b)” (Garganta, 1997: 156,1999).
  
- ii. Análise centrada no jogo. “ A análise centrada no jogo tem possibilitado o estudo dos designados padrões de jogo, a partir de regularidades comportamentais evidenciadas pelos jogadores, no quadro de acções colectivas. Neste âmbito, os analistas têm procurado coligir e confrontar dados relativos às sequências ofensivas de jogo, no sentido de tipificarem as acções que mais se associam à eficácia dos jogadores e das equipas” (Garganta, 1997: 156,1999). Neste tipo de análise podemos apresentar três vias preferenciais: i) Uma com carácter quantitativo, que consiste em reunir e caracterizar os blocos dados para cada sequência ofensiva, em função do tipo de finalização, com ou sem marcação de golo (Reep & Benjamin, 1968 cit. por Garganta, 1997; Sleziewski, 1987; Olsen, 1988; Jinshan et al., 1993; Luhtanen, 1993; Garganta et al., 1995; Garganta, 1997,1999); ii) outra, com carácter mais qualitativo e quantitativo, mais centrada nos comportamentos e dimensão espacial e temporal das acções ofensivas, de acordo com a sua efectividade (Bate, 1988; Chervenjakov et al., 1988, Pollard et al., 1988; Hughes et al., 1988; Ali & Farraly, 1990; Bishovets et al., 1993; Partridge et al., 1993; Perlado, 1993; Yamanaka et al., 1993; Wrzos, 1994; Cabezón & Fernandez, 1996; Larsen et al., 1996; Garganta, 1997; 1999), e iii) “uma terceira, voltada para a modelação do jogo de futebol, a partir da observação e análise de variáveis tácticas e técnicas” (Garganta, 1997: 157, 1999).

- iii. Análise centrada nas acções e movimentações dos jogadores. Como refere Garganta (1997: 153) “esta modalidade de análise tem sido utilizada, quer para elaborar perfis individuais de jogadores, relativamente a um estatuto posicional específico (Luhtanen & Valovirta, 1996; Sanfont-Tria et al., 1996), quer para comparar perfis de jogadores com atribuições tácticas semelhantes ou distintas (Winkler, 1984; Gréhaigne, 1988; Gerish & Reichelt, 1993; Godik & Popov, 1993; Bezerra, 1995)”.

### **2.1.1. Observação e Análise do Comportamento do Jogador**

A análise centrada nas acções e movimentações dos jogadores tem sido utilizada, quer para elaborar perfis individuais de jogadores, relativamente a um estatuto posicional específico, quer para comparar perfis de jogadores com atribuições tácticas semelhantes ou distintas (Garganta, 1997).

Podemos encontrar na literatura diversos estudos que contemplam a elaboração do perfil de determinado jogador(es). A título de exemplo, Godik & Popov (1993), elaboraram um modelo de observação e análise para caracterizar a actividade competitiva dos jogadores. Assim, através da análise das acções táctico-técnicas individuais e colectivas, compararam o perfil táctico-técnico do jogador Mijailichenco (médio) com os restantes colegas de equipa do Dínamo Kiev. No mesmo sentido, Luhtanen & Valovirta (1996), a partir da participação do jogador finlandês Jari Litmanen (médio ofensivo - Ajax) nos jogos da Liga dos Campeões – UEFA de 1994/1995, procuraram definir o seu perfil de performance, através do nível de participação no processo ofensivo e defensivo, tendo considerado as seguintes variáveis: passe, condução de bola e finalização, como acções ofensivas; e as intercepções e duelos, como acções defensivas. Também, Sanfont-Tria et al. (1996), elaboraram um método de análise para avaliar o comportamento táctico individual de um jogador. Tomaram como exemplo Michael Laudrup, tendo-o observado durante o processo ofensivo, considerando três aspectos: a opção táctica escolhida, a forma de realização da acção e o resultado da acção. Bezerra (1995), a partir dos jogos disputados pela selecção portuguesa de sub-20 no Campeonato do Mundo – 1991, analisou o comportamento do jogador

em posse de bola, procurando detectar e identificar as acções táctico-técnicas a que o jogador recorre. Como tal, focou a sua atenção em três aspectos: i) acção para a recepção da bola; ii) acção desenvolvida em posse de bola, e iii) resultado da acção com bola. Analisou a variação de comportamento do jogador em função da sua posição táctica, da zona do campo onde desenvolve a acção com bola e do resultado do jogo. Procurou também detectar diferenças entre jogadores com distintos estatutos posicionais no seio da equipa.

Por sua vez, destacamos o estudo elaborado por Castelo (1992,1994, 1996) que apresenta vários dados relativos ao processo ofensivo e defensivo, entre os quais:

i) a análise da variação percentual da perda/ recuperação de posse de bola em função das missões tácticas dos jogadores dentro do sistema de jogo e das zonas, sectores e corredores do terreno de jogo (Figura 1 e 2). Em relação à perda da posse de bola, é no sector ofensivo (71%) e no corredor central (52%) onde se perde mais vezes a posse de bola, sendo os médios (29%) e os avançados (26%) aqueles que mais perdem a posse de bola (Castelo, 1994,1996). Relativamente à recuperação da posse de bola, verificamos que foi feita fundamentalmente na zona 2 (42%), no sector defensivo (71%) e no corredor central (52%).

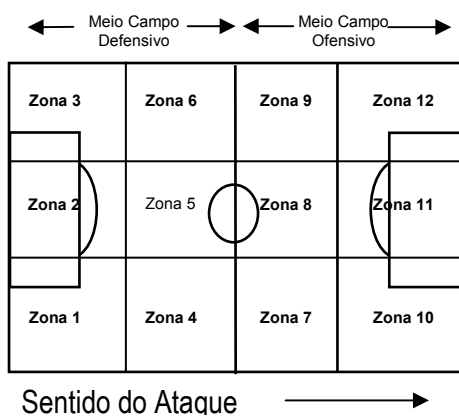


Fig. 1- Modelo topográfico proposto por Castelo (1992, 1994).

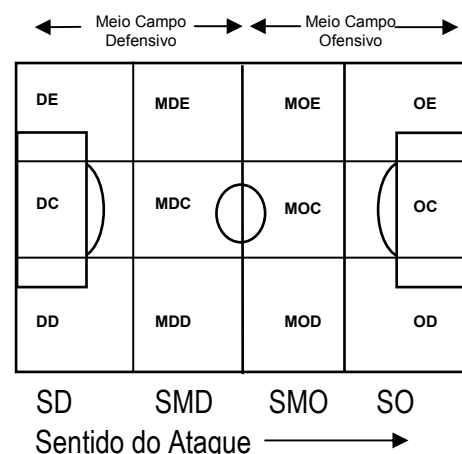


Fig. 2- Modelo topográfico proposto por Garganta (1997)

Legenda: Divisão longitudinal e transversal do terreno de jogo em 12 zonas. Zona 1- Defensiva Direita (DD), Zona 2- Defensiva Central (DC), Zona 3- Defensiva Esquerda (DE), Zona 4- Média Defensiva Direita (MDD), Zona 5- Média Defensiva Central (MDC), Zona 6- Média Defensiva Esquerda (MDE), Zona 7- Média Ofensiva Direita (MOD), Zona 8- Média Ofensiva Central (MOC), Zona 9- Média Ofensiva Esquerda (MOE), Zona 10- Ofensiva Direita (OD), Zona 11- Ofensiva Central (OC), Zona 12- Ofensiva Esquerda (OE).

ii) análise da variação percentual das diferentes missões táticas dos jogadores que perderam/ recuperaram a posse de bola e o tempo de jogo. Relativamente a estes aspectos, podemos destacar-se os jogadores pertencentes ao sector médio. São os que mais bolas perdem, entre os 33 e 50%, “mantendo-se estáveis na primeira parte do jogo, e aumentando à medida que este chega ao final” (Castelo, 1994); os jogadores pertencentes ao sector defensivo são os que mais bolas recuperam, entre 41 e 61%. É também de salientar que os comportamentos tático-técnicos individuais que permitiram a recuperação da posse de bola foram as intercepções (73%) e o desarme (27%) (Castelo, 1994).

iii) análise da variação percentual de utilização das várias zonas, sectores e corredores do terreno de jogo em função do resultado momentâneo do jogo (Figura 3), através da qual se verificou que quando uma das equipas está a ganhar aumenta a sua intervenção sobre a bola na zona 2 e que quando está a perder aumenta as suas intervenções sobre a bola na zona 5, 10, 11 e 12. A partir dos dados apresentados verificamos que quando uma equipa está a ganhar procura jogar preferencialmente no sector defensivo (31,8%) e no sector ofensivo (27,3%) e quando as equipas estão, procuram jogar sempre mais perto da baliza adversária (Castelo, 1994).

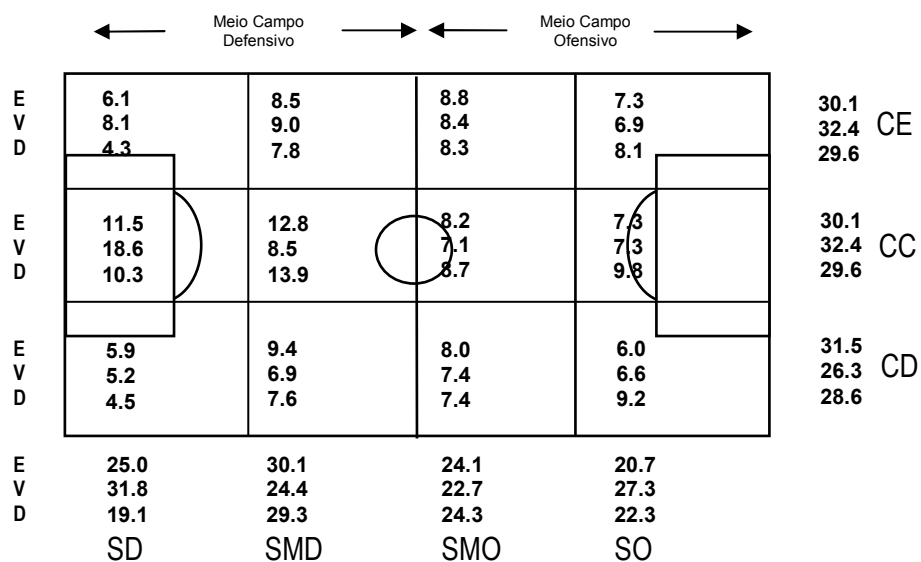


Fig. 3- Variação percentual de utilização das várias zonas, sectores, e corredores em função do resultado momentâneo do jogo (adaptado de Castelo, 1994).  
 Legenda: E- Empate; V- Vitória; D- Derrota; SD- sector defensivo, SMD- sector médio defensivo, SMO- sector médio ofensivo, SO- sector ofensivo; CE- corredor esquerdo, CC- corredor central, CD- corredor direito.

Por fim, Sousa (2000) a partir da análise qualitativa e quantitativa do conjunto de comportamentos expressos por um jogador ponta de lança, descreveu indicadores que permitiam definir o nível de participação durante o processo ofensivo e defensivo e permitiram configurar um modelo de comportamento (perfil de prestação tático-técnico) do jogador. Santos (2003) apresenta um estudo semelhante, em que compara o perfil de prestação tático-técnica de dois jogadores pontas de lança.

### 2.1.2. Observação e Análise do Comportamento do Médio-Defensivo

Castelo (1992, 1994) analisou as intervenções sobre a bola de jogadores com diferentes missões táticas, em função das várias zonas, sectores e corredores do terreno de jogo. Através deste estudo, foi possível organizar por ordem decrescente o nível de intervenções sobre a bola - sector médio 40%, sector defensivo 36%, sector atacante 18% e guarda - redes 6% do total de posse de bola (Castelo, 1994). Estas acções, segundo a sua frequência, o tempo que medeia entre duas intervenções, o tempo total de posse de bola e a localização no espaço de jogo, colocam em evidencia o papel interventivo de cada jogador no processo ofensivo e defensivo da sua equipa, como podemos observar no quadro 1.

Quadro 1. Análise das intervenções sobre a bola dos jogadores e sectores da equipa, por jogo (média) (Castelo, 1994).

	Nº de intervenções sobre a bola	Tempo que medeia entre duas acções	Tempo total de posse de bola
Guarda-redes	30	48	<1' 15
Laterais	42	34	<60"
Centrais	46	31	<1' 60"
Sector defensivo		8	<4'
Médios ala	44	33	<1' 10"
Médios centro	51	28	<1 min 30 s
Sector médio		7 min	<5' 30"
Pontas de Lança	44	33	<50"
Sector atacante		18	<1' 30"

Podemos verificar, através da observação do quadro 1, que os jogadores do sector médio possuem uma acção preponderante no jogo, visto que tem um maior numero de intervenções sobre a bola, uma maior frequência de acções

de jogo e maior tempo de posse de bola relativamente a outros jogadores. Especificando, em relação aos médios centros, em que se insere também o médio-defensivo, Castelo (1994, 1996) refere que “Em média, os médios centro intervêm directamente sobre a bola cerca de 51 vezes durante a partida, o que corresponde a 11% das situações momentâneas de jogos observadas. Participa em 76% das acções ofensivas da sua equipa, ou seja, em cada 28 s de jogo de tempo útil de jogo, com um tempo total individual de posse de bola que não ultrapassa os 1.5 min.

Como podemos observar na figura 4, os comportamentos táctico-técnicos dos médios-centro sobre a bola, durante a partida, observam-se fundamentalmente nas zonas 5 e 8, no sector médio defensivo central e médio ofensivo central do terreno de jogo (Castelo 1994, 1996).

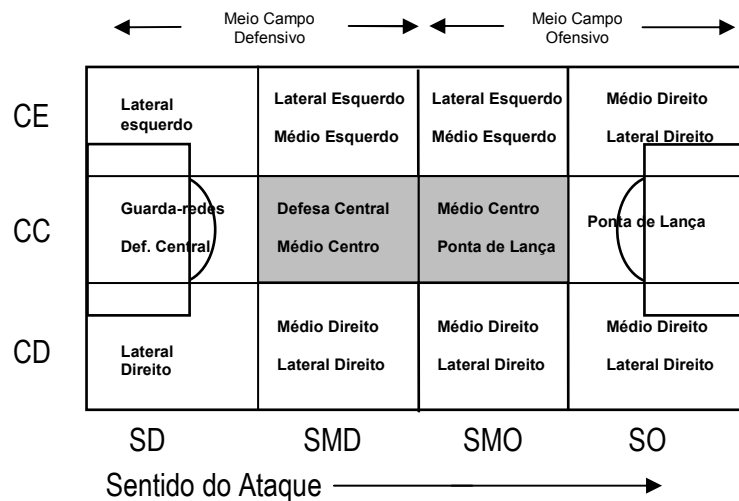


Fig. 4- Representação gráfica da intervenção preferencial sobre a bola durante o processo ofensivo, por parte dos vários jogadores pertencentes aos vários sectores do sistema de jogo da equipa (adaptado de Castelo, 1994).  
Legenda: SD- sector defensivo, SMD- sector médio defensivo, SMO- sector médio ofensivo, SO- sector ofensivo; CE- corredor esquerdo, CC- corredor central, CD- corredor direito.

Assim sendo, a posição dos médios-centro no corredor central apresenta condições óptimas para servir todos os outros companheiros, sendo o elemento de ligação entre os jogadores pertencentes ao sector defensivo e ofensivo. Com efeito, “A sua missão é extremamente importante na distribuição do jogo ofensivo, na circulação rápida da bola entre os vários corredores do jogo, procurando o desequilíbrio do método defensivo adversário e na finalização do ataque” (Castelo 1994, 1996).

Segundo Garganta (1997, 1999 cit. por Sousa, 2000), a análise sistemática acerca do jogo, permite configurar modelos de actividade de jogadores e das equipas, possibilitando, não só construir métodos de treino mais eficazes e estratégias de trabalho profícuas, mas também indicar tendências evolutivas. Neste contexto podemos considerar que através da análise de jogo é possível interpretar a organização das equipas e as acções que concorrem para a qualidade do jogo, ou seja, a planificação, organização e e regulação da aprendizagem e do treino. Desta forma, torna mais específicos os seus conteúdos e estabelece planos táctico-estratégicos adequados em função do adversário a defrontar (Garganta, 1999).

## **2.2. Estatuto Posicional e Características do Médio-Defensivo**

O Dicionário de Futebol (2002) define que os médios são um grupo de jogadores de uma equipa que operam entre a defesa e o ataque. A sua função é conquistar a posse de bola, lançar contra-ataques e ataques organizados mediante a situação de jogo e apoiar os jogadores atacantes em situações de finalização. Segundo as suas capacidades e funções específicas diferenciam-se em médios defensivos e médios ofensivos. No presente trabalho, debruçaremos-nos exclusivamente sobre o médio defensivo

Diversos autores (Freitas Lobo, 2007; Bidwell, 2007; Gavin, 2008; Lange, 2008) definem o médio-defensivo, como um médio centro que se posiciona em frente à linha defensiva. As responsabilidades deste jogador são defender as acções da equipa adversária recuperando assim a posse de bola, para iniciar movimentos ofensivos da sua equipa. O médio defensivo é também conhecido como “volante”, no Brasil, em Espanha por “volante de marca” e em Portugal como “trinco” ou mais recentemente “pivot”. Embora nos pareça que estes nomes se refiram sobretudo à função, e não à posição, em campo do jogador médio-defensivo. O jogador médio-defensivo é a espinha dorsal da equipa, tendo a missão de fazer a ligação entre a defesa e o ataque, é inserido ora no grupo defensivo, ora no grupo do meio-campo, já que faz a "ponte" entre ambos, participando activamente em ambas as acções. Funciona como o responsável pela marcação dos médios adversários movimentando-se de

lateral a lateral pressionando a bola, anulando as jogadas ofensivas contra a sua equipa. É ele o primeiro responsável por realizar coberturas defensivas aos colegas que jogam à sua frente. Deve ser um jogador com boa capacidade de marcação mas com elevadas qualidades ofensivas, para partir para o contra-ataque e ter a capacidade de realizar coberturas ofensivas e linhas de passe à retaguarda aos seus colegas (Freitas Lobo, 2007; Bidwell, 2007; Gavin, 2008; Lange, 2008). Nesta sequência, habitualmente os jogadores que ocupam esta posição têm alto nível de raciocínio tático, adaptando de forma criativa nas situações concretas de jogo o plano tático do ataque (Castelo, 1994, 1996). Johnson (2002) refere que esta posição em campo é por vezes negligenciada, embora seja das mais críticas no futebol moderno. É uma posição que requer alto nível de especialização, porém parece ser executado com êxito por um pequeno grupo de jogadores. São exemplos de médios-defensivos Pirlo, Xavi, Makelélé, Gattuso Fernando Redondo, Pepe Guardiola, Paulo Assunção e Miguel Veloso.

### **2.3. Modelação Tática: As Facetas Colectiva e Individual**

O Futebol é um JDC no qual coexistem diversos factores, onde a eficiência e a eficácia dos jogadores/equipas dependem, em larga medida, do saber tático (Garganta, 1996, 1997; Pinto, 1996). A modelação tática nos JDC apresenta-se, hoje em dia, como um dos factores que mais parece condicionar a prestação dos jogadores e das equipas (Castelo, 1994; 1996; Garganta, 1996, 1997; Pinto, 1996). “A modelação tática do jogo de futebol permite rentabilizar a prestação dos jogadores e das equipas no treino e na competição” (Garganta, 1996).

Actualmente, “o fundamental passou a ser, não a distribuição dos jogadores desta ou daquela maneira, mas a dinâmica necessária para criar permanentemente situações de vantagem, numérica ou posicional nas zonas de disputa de bola, quer em situações defensivas quer em situações ofensivas” (Pinto, 1996). A equipa deve ser vista como um todo, como um sistema, em que o conjunto de jogadores, em interacção dinâmica, está organizado em função de um objectivo. Cada equipa como organismo vivo (Dugrand, 1989)

ganha uma identidade própria (Castelo, 1994; Pinto, 1996) que lhe advém de uma cultura organizacional específica. A equipa obedece a alguma ordem, isto é, as suas partes estão ligadas entre si e sob alguma regra. As competências individuais e colectivas não podem confinar-se a aspectos pontuais, mas devem reportar-se a grandes categorias de problemas (Garganta, 1996).

A tática desempenha um papel fundamental, pois é entendida como um factor integrador e simultaneamente condicionador de todos os outros como os físicos, técnicos e/ou psicológicos (Pinto, 1996). Segundo Teoduresco (1984), esta deve ser entendida como “a totalidade das acções individuais e colectivas no domínio da preparação técnica, física, psicológica e teórica, bem como outras medidas específicas – dos jogadores de uma equipa – seleccionados, organizados e coordenados unitariamente, com vista à sua utilização racional e oportuna no jogo (dentro dos limites do regulamento e do desportivismo) e com o objectivo da obtenção da vitória”.

A cultura tática não se improvisa colectivamente: é da repetição das sequências táticas que nasce a espontaneidade da resposta. A cultura tática permite aos jogadores adaptarem-se facilmente às necessidades do jogo, às particularidades adversas, conservando o equilíbrio da equipa (Riera, 1995). Esta também permite a identificação dos problemas e, de entre um conjunto de soluções possíveis, escolher aquela que é a mais apropriada para a acção em curso. O jogador tem de ter a capacidade para “ler” as situações e tomar decisões em função do que percepção, num tempo relativamente curto. Assim, a tendência evolutiva do futebol de alto rendimento obriga a uma constante adaptação das equipas e jogadores a novas necessidades impostas pelo próprio jogo. A diminuição do espaço de acção, do tempo de percepção, decisão e execução, assim como um aumento das acções colectivas, exigem do jogador uma grande atitude mental (Faria, 1999). A decisão sobre a acção a executar, tem que ser tomada, num tempo consideravelmente reduzido, antes ou durante a recepção da bola (Castelo, 1994). Neste sentido, é cada vez mais premente que o jogador de alto rendimento tenha a capacidade de decidir depressa e bem.

No futebol, a velocidade deixou de ser entendida como a capacidade de executar acções motoras no mais breve espaço de tempo, para passar a ser

uma capacidade de adequação da velocidade à tarefa a realizar (Garganta, 1999), ou seja, uma adequada “leitura” de jogo, permite que um jogador relativamente lento do ponto de vista neuro-muscular, possa chegar primeiro, na medida em que consegue antecipar a resposta (Garganta, 1997). Nos momentos cruciais, quem toma as decisões correctas é o jogador mais inteligente e com melhor conhecimento tático (Riera, 1995).

Efectivamente, numa partida de futebol, em cada acção que a equipa cumpre, o primeiro problema que se coloca aos jogadores é sobretudo de nível tático. Eles devem saber o que fazer em conjunto (táctica colectiva), para poder resolver o problema subsequente, o como fazer (táctica individual), ou seja, seleccionar e utilizar a resposta motora mais adequada (Dugrand, 1989; Garganta & Pinto, 1994).

Segundo Teoduresco (1984) e Riera (1995), a táctica individual constitui a base da táctica colectiva, no sentido de encontrar soluções para superar a equipa adversária, tanto no ataque como na defesa. Porém, considerando que a acção de um jogador desemboca obrigatoriamente na interacção dos demais elementos em jogo, cada uma das equipas que se defrontam comporta-se como uma unidade cujas relações entre os seus elementos se sobrepõem as mais-valias individuais (Garganta, 2006).

Tendo em consideração os aspectos anteriormente referidos, desde os primeiros momentos, é de todo conveniente que os jogadores assimilem um conjunto de princípios. Estes reportam-se não apenas ao modo como cada um se relaciona com a bola, mas também à forma de comunicar (com os colegas) e contra-comunicar (com os adversários), passando também pela noção de ocupação racional do espaço de jogo (Garganta, 1995). È através dos princípios de jogo que se cria um conjunto de referências que definem a organização da equipa e jogadores nos vários momentos de jogo (Silva, 2007). Mourinho (cit. por Amieiro, 2004) concorda ao referir que “os jogadores devem entender o modelo da equipa, e os seus princípios, conhecê-los bem e interpreta-los bem”.

Deste modo, o modelo define-se como referência colectiva a partir da qual os jogadores analisam e interpretam os factos do jogo conferindo-lhe uma

significância pessoal. Contudo, é importante que este entendimento individual seja congruente com o entendimento da equipa para se criar uma lógica comum (Silva, 2007).

Teoduresco (1984), refere que o conceito de raciocínio tático é o elemento que confere conteúdo aos procedimentos táticos, acrescentando que para a sua concretização, de forma eficiente, é condição que o jogador possua uma base rica de procedimentos técnicos, de experiência de jogo e de preparação tática adequada (Tavares, 1994). A atitude tática, o desenvolvimento das possibilidades de escolha do jogador depende do conhecimento que este tem do jogo, ou seja, a actuação de um jogador, está fortemente condicionada pelos modelos de explicação, pelo modo como concebe e percebe o jogo (Sousa, 2000).

### **2.3.1. Modelação dos Comportamentos Tático-Técnicos**

A dinâmica organizativa de uma equipa de futebol, “consubstancia-se pela racionalização e objectivação das tarefas e missões táticas, que se traduzem fundamentalmente pelo estabelecimento de atitudes e comportamentos tático-técnicos de base (ofensivos e defensivos) e específicos (ofensivos e defensivos), distribuídos aos diferentes jogadores que constituem o colectivo. Neste sentido, um dos problemas mais complexos que determinam a eficácia de qualquer estrutura de uma equipa de futebol, é a forma como os jogadores desenvolvem a sua acção dentro da organização da equipa” (Castelo, 1996).

As sucessivas configurações que o jogo vai experimentando resultam da forma como ambas as equipas gerem as relações de cooperação e de adversidade em função do objectivo do jogo (Garganta, 1996). Ou seja, a equipa, evidencia determinada forma de entender o jogo, que se reflecte na forma de jogar (valores, competências, formas de interacção e cooperação, etc.), isto é, na forma como a equipa e os jogadores gerem os aspectos ofensivos e defensivos do jogo.

“O jogo de futebol é uma actividade fértil em situações diversas e descontínuas, às quais o indivíduo que joga e a equipa devem responder de uma forma ajustada, em estreita concordância com os objectivos a atingir em

cada uma das fases (ataque e defesa)” (Garganta, 1997), uma vez que, o jogo evidencia dois processos, que apesar de antagónicos, complementam-se, ou seja, cada um deles está implicado pelo outro (Castelo, 1994, 1996; Garganta & Pinto, 1994; Garganta, 1997). As duas fases (ataque/defesa), não devem ser vistas separadamente, sendo impossível dissociá-las, pois em competição coexistem. Estas, condicionando-se e influenciando-se reciprocamente, a forma de defender (método defensivo) influencia directamente as opções de ataque (método ofensivo).

Actualmente, verificamos que a eficácia de uma equipa passa essencialmente pela forma como gere o equilíbrio entre as fases ofensivas e defensivas, passando, essencialmente, por uma coordenação eficaz entre os vários jogadores da mesma equipa. Podemos observamos por parte da defesa, uma procura contínua para neutralizar a acção do ataque no sentido de conseguir ordem e equilíbrio para conquistar a posse de bola, e relativamente ao ataque, verificamos a procura a criação de desordem da defesa adversária no sentido de induzir desequilíbrios e conseguir a obtenção do golo (Gréhaigne, 1988; Garganta, 1997).

### **2.3.1.1. Os Comportamentos Tático-Técnicos Específicos do jogador Médio-defensivo no Processo Ofensivo**

“O processo ofensivo contém em si uma acção positiva ou, por outras palavras, um fim positivo, pois só através deste, o jogo pode ter uma conclusão lógica - o golo. É para este objectivo que os jogadores das duas equipas, quando de posse de bola, direccionam as suas intenções e acções” (Castelo, 1996).

Segundo Castelo (1996) e Johnson (2002) podemos caracterizar os comportamentos tático-técnicos do Médio-defensivo no processo ofensivo:

- i. Tacticamente deve assumir comportamentos de grande equilíbrio. Com efeito, marca o ritmo de jogo temporizando-o ou aumentando-o;
- ii. Deve apoiar constantemente a acção ofensiva tendo muitas vezes a função de organizador de jogo. Neste sentido, deve evitar utilizar acções de condução de bola quando é possível efectuar o passe para um companheiro melhor posicionado;

- iii. Deve ser inteligente e com alto nível de raciocínio tático adaptando-se de forma criativa nas situações concretas de jogo;
- iv. Deve entregar a bola com rapidez não fazendo com que os companheiros estejam em permanentes desmarcações. Assim, sempre que possível deverá jogar ao primeiro toque aumentando deste modo a velocidade de circulação da bola. Concomitantemente deve de imediato disponibilizar-se para a poder receber de novo.

Para além destes aspectos específicos o médio-defensivo deve dominar outras acções tático-técnicas, como: i) após recuperação da posse de bola mudar de uma atitude defensiva para uma atitude ofensiva; ii) quando em posse da bola, deve compreender a sua responsabilidade pela sua manutenção; iii) assegurar a ocupação racional do espaço de jogo, consoante as necessidades determinadas pelas diferentes situações de jogo; iv) procurar executar constantemente acções de cobertura/apoio, no sentido de facilitar a tarefa do colega em posse de bola; v) utilizar todo espaço de jogo, em largura e profundidade, no sentido de procurar explorar e criar espaços livres nas zonas vitais do terreno de jogo; vi) conhecer correctamente os princípios gerais e específicos do ataque, no sentido de estabelecer uma linguagem comum com os seus colegas de equipa e, vii) conhecer e dominar perfeitamente todas as acções predominantes na execução dos esquemas táticos estudados e treinados (Castelo, 1996).

### **2.3.1.2. Os Comportamentos Tático-Técnicos Específicos do Jogador Médio-defensivo no Processo Defensivo**

“O processo defensivo contém em si uma acção negativa, pois, durante o mesmo a equipa não poderá concretizar o objectivo do jogo. Assim, este processo deverá ser encarado como uma forma de recurso, sendo logo abandonada quando se recupera a posse de bola” (Castelo, 1996).

Segundo Castelo (1996) e Johnson (2002) podemos caracterizar os comportamentos tático-técnicos do médio-defensivo no processo defensivo,

- i. Deve assumir comportamentos de grande equilíbrio nas funções defensivas;

- ii. Marca os médios da equipa adversária acompanhando-os se estes se deslocarem para dentro de zonas vitais de finalização;
- iii. Conforme as situações momentâneas de jogo poderá permutar as suas funções com o defesa central;
- iv. Movimenta-se entre as linhas laterais, pressionando o portador da bola;
- v. Colabora em todos os pontapés de canto contra, através da marcação ou através da preparação mental do jogo.

Adicionalmente, Bangsbo & Peitersen (2002) referem que o médio-defensivo:

- vi. Não deve permitir os jogadores adversários receber a bola em zonas favoráveis;
- vii. Deliberadamente, deve pressionar a equipa adversária, levando-a a jogar para zonas favoráveis para roubar a bola.

Para além destes aspectos específicos o médio-defensivo deve dominar outras acções táctico-técnicas mais gerais como: i) quando não intervém directamente na recuperação da posse de bola deve preparar mentalmente o ataque da sua equipa, através de movimentações que criem espaços livres, obrigando o adversário directo a preocupar-se mais com ele que com o ataque à sua baliza; ii) após a perda da posse de bola deve reagir imediatamente, mudando de atitude (ofensiva-defensiva), posicionando-se em função da bola, baliza, adversários, e colegas; quando marca o adversário com bola deve compreender a sua co-responsabilidade pelo retardamento do processo ofensivo (temporização); iii) saber recuperar defensivamente, para ocupar as suas funções dentro do método defensivo; iv) assegurar permanentemente a ocupação racional do espaço de jogo equilibrando a organização da equipa; procurar executar constantemente acções de cobertura, transmitindo maior confiança e iniciativa ao companheiro que marca o adversário com posse de bola (contenção); v) comunicar com os companheiros, pedindo ajuda ou informando-os das intenções dos atacantes; vi) conhecer correctamente os princípios gerais e específicos da defesa, estabelecendo uma linguagem comum com os seus companheiros; assegurar o seu contributo na formação das barreiras; após a recuperação da posse de bola, deve deslocar-se de trás para a frente acompanhando o processo ofensivo, criando ou explorando

espaços vazios, procurando sempre a progressão e a finalização eficazes (Castelo, 1996).

O processo defensivo representa a fase fundamental do jogo, no qual uma equipa luta para entrar na posse de bola com vista à realização de acções ofensivas sem cometer infracções e sem permitir que a equipa adversária obtenha golo (Teoduresco, 1984). A defesa quando bem organizada e coordenada, cria dificuldades, limita e “controla” o ataque, através de acções de execução menos complexas, o que não significa que a defesa se deve limitar a destruir o ataque adversário. Esta deve ser a base fundamental para construir o processo ofensivo, logo após a recuperação da posse de bola (Santos, 2003).

### **3. OBJECTIVOS**

---

#### **3.1. Objectivo Geral**

O objectivo fundamental do presente estudo residiu em caracterizar o perfil de prestação táctico-técnico do Médio-defensivo no processo defensivo e ofensivo, partindo da análise qualitativa e quantitativa do conjunto de comportamentos expressos pelo jogador Médio-defensivo (JMD) durante a competição (jogo).

#### **3.2. Objectivos Específicos**

Os objectivos específicos do presente trabalho foram:

- i. Determinar da colocação preferencial e as zonas privilegiadas de intervenção do JMD durante o processo ofensivo e defensivo;
- ii. Verificar se o nível de rendimento das equipas adversárias e o factor casa/fora são aspectos que influenciam a prestação competitiva do JMD;
- iii. Verificar a congruência entre a prestação táctico-técnica do JMD durante a competição e a percepção do treinador (aquilo que o treinador observa).



## **4. MATERIAL E MÉTODOS**

---

Para a realização deste estudo, recorreremos: i) à observação em diferido dos jogos (imagens vídeo gravadas); ii) à elaboração de uma ficha de observação para registar as acções táctico-técnicas realizados pelo jogador, e iii) à aplicação de um questionário ao treinador, no sentido de podermos confrontar a percepção do treinador face à performance do jogador, isto é, aquilo que ele vê e o jogador faz (comportamentos exteriorizados) durante a competição.

### **4.1. Amostra**

Trata-se de um estudo de caso, relativo a um jogador de Alto Rendimento de uma equipa da I Liga Portuguesa. O estudo reporta-se a jogos efectuados pelo jogador no Campeonato Nacional da I Liga (Liga Bwin), referentes à época 2007/2008, transmitidos por estações de televisão nacionais (TVI e Sporttv).

### **4.2. Procedimentos**

Foram observadas 830 sequências de jogo, 348 ofensivas e 482 defensivas, extraídas de 12 jogos (quadro 2) em que existe participação do jogador médio-defensivo, ao longo da época desportiva. Para as variáveis relativas à perda e recuperação da posse de bola por parte da equipa, foram analisadas todas as sequências dos jogos, quer ofensivas quer defensivas. Paralelamente, analisamos um questionário preenchido pelo treinador do atleta em estudo (anexo). Posteriormente procedemos à comparação dos comportamentos do jogador observados, e à respectiva percepção do treinador.

Quadro 2. Distribuição da amostra ao longo da época desportiva

<b>Nº do Jogo</b>	<b>Casa/Fora</b>	<b>Resultado</b>	<b>Jornada</b>	<b>Data</b>
1	F	V	1 <sup>a</sup>	18-08-2007
2	C	V	2 <sup>a</sup>	26-08-2007
3	F	V	5 <sup>a</sup>	23-09-2007
4	F	V	7 <sup>a</sup>	07-10-2007
5	F	E	10 <sup>a</sup>	11-11-2007
6	F	V	12 <sup>a</sup>	01-12-2007
7	C	V	15 <sup>a</sup>	06-01-2008
8	C	V	16 <sup>a</sup>	12-01-2008
9	F	D	17 <sup>a</sup>	27-01-2008
10	C	V	22 <sup>a</sup>	09-03-2008
11	C	V	25 <sup>a</sup>	05-04-2008
12	C	V	27 <sup>a</sup>	20-04-2008

#### 4.2.1. Critérios de Selecção e Diferenciação dos Jogos Analisados

Para a diferenciação dos jogos analisados, recorreremos aos seguintes critérios:

- Para as equipas de nível superior de rendimento (quadro 3):
  - 1) Participarem com regularidade nas competições europeias (UEFA);
  - 2) Estar nas competições europeias ou ter participado nessas competições na época anterior;
  - 3) No final de época, classifica-se nos primeiros 5 lugares.
  
- Para as equipas de nível inferior de rendimento (quadro 4):
  - 1) Terem subido de divisão na época anterior;
  - 2) Participação sistemática no Campeonato Nacional da 1<sup>a</sup> Liga;
  - 3) No final da época, ter descida de divisão ou classificar-se no últimos 5 lugares.

Quadro 3. Jogos de Nível Inferior

<b>Nº do Jogo</b>	<b>Casa/Fora</b>	<b>Resultado</b>	<b>Jornada</b>	<b>Data</b>
3	F	V	5 <sup>a</sup>	23-09-2007
4	F	V	7 <sup>a</sup>	07-10-2007
5	F	E	10 <sup>a</sup>	11-11-2007
7	C	V	15 <sup>a</sup>	06-01-2008
10	C	V	22 <sup>a</sup>	09-03-2008
11	C	V	25 <sup>a</sup>	05-04-2008

Quadro 4. Jogos de Nível Superior

<b>Nº do Jogo</b>	<b>Casa/Fora</b>	<b>Resultado</b>	<b>Jornada</b>	<b>Data</b>
1	F	V	1 <sup>a</sup>	18-08-2007
2	C	V	2 <sup>a</sup>	26-08-2007
6	F	V	12 <sup>a</sup>	01-12-2007
8	C	V	16 <sup>a</sup>	12-01-2008
9	F	D	17 <sup>a</sup>	27-01-2008
12	C	V	27 <sup>a</sup>	20-04-2008

#### 4.2.2. Material Utilizado na Observação e Recolha dos Dados

Para a concretização do estudo, foi necessário recorrer a jogos videogravados, tendo estes sido registados em DVD. Para a visualização dos jogos usamos um Televisor (*SONY Bravia W4000*) e um leitor DVD (*Microsoft XBOX 360 DVDplayer*).

O registo e processamento dos dados foi efectuado por notação manual com recurso a fichas de observação (Anexos X).

#### 4.2.3. Descrição das Variáveis

As observações realizadas no presente estudo dirigiram-se para a categorização das sequências ofensivas e defensivas nas quais há participação directa do jogador em análise. Consideramos apenas as sequências em que foi possível discriminar a posição do jogador no início, durante e no final da(s) sequência(s).

Para a análise das variáveis abaixo descritas construímos quatro grelhas de observação e registo (anexos II) e um campograma (anexo I), que passamos a descrever.

**Processo Ofensivo:** Representa um conjunto de comportamentos realizados pelos jogadores da equipa em posse de bola, cujos objectivos fundamentais são a manutenção da posse de bola e/ou progressão no sentido da baliza adversária para finalizar – procura da obtenção de golos (Teoduresco, 1984; Castelo, 1994)

Durante o processo ofensivo consideramos as acções realizadas com e sem bola

- **Numero da sequência ofensiva (NSeO)** – registo ordenado das sequências ofensivas realizadas pela equipa durante o jogo, em que o jogador Médio-defensivo (JMD) participou. Considera-se que a sequência ofensiva se inicia “quando um dos jogadores da equipa conquista a posse de bola, o que implica uma das seguintes situações:
  - (1)- Realiza pelo menos três contactos consecutivos com a bola;
  - (2)- Executa um passe positivo (que permite manter a posse de bola);
  - (3)- Realiza um remate (finalização)” (Garganta, 1997:209).

### **Acções sem Bola**

- **Zona ocupada pelo JMD, no início da sequência ofensiva** – Esta variável apresenta doze (12) categorias, representando cada uma, diferentes zonas do campo. As categorias são indicados pelos números de 1 a 12, com a seguinte representação (Figuras 1 e 2 - Anexo I).
  - 1- zona defensiva direita;
  - 2- zona defensiva central;
  - 3- zona defensiva esquerda;
  - 4- zona média defensiva direita;
  - 5- zona média defensiva central;
  - 6- zona média defensiva esquerda;
  - 7- zona média ofensiva direita;
  - 8- zona média ofensiva central;

- 9- zona média ofensiva esquerda;
  - 10- zona ofensiva direita;
  - 11- zona ofensiva central;
  - 12- zona ofensiva esquerda.
- **Zona Ocupada pelo Jogador Médio-defensivo antes de Receber o Passe (ZOJAP)**- Esta variável apresenta doze (12) categorias representando cada uma diferentes zonas do campo (campograma-anexo I).
  - **Desmarcação**- É uma acção que permite ao jogador que a realiza, fugir à marcação directa do adversário, tendo como objectivos a criação e/ou utilização de espaços livres. Consideramos os seguintes tipos de desmarcação (Rebelo, 1993):
    - Desmarcação de Apoio (DA)- Deslocamento de aproximação, em relação ao jogador com bola, cujo objectivo é manter a posse de bola;
    - Desmarcação de Ruptura (DR)- Deslocamento em afastamento, em relação ao jogador com bola, em direcção à linha de baliza adversária, cujo objectivo é a progressão e/ou finalização. Pode ser realizada na diagonal ou perpendicularmente à linha de baliza do adversário;
  - **Resultado da Desmarcação (RD)**- Consideramos dois tipos:
    - Positiva (DP)- Quando o JMD respeita uma das seguintes situações:
      - (1)- Cria espaços livres, que podem ser utilizados por outros jogadores;
      - (2)- Ocupa os espaços livres, adquirindo vantagem posicional ou numérica;
      - (3)- Executa um passe positivo (que permite manter a posse de bola);
      - (4)- Realiza um remate (finalização);
    - Negativa (DN)- Quando o JMD não cumpre nenhuma das condições anteriores.
  - **Relação Numérica**- A relação numérica regulamentar está estabelecida pelas leis do jogo, nas quais está referido que cada equipa pode alinhar com onze jogadores no máximo e sete no mínimo. Porém na dinâmica do jogo, essa relação vai-se alterando de acordo com a configuração do jogo à medida que o tempo decorre. A procura de superioridade numérica (Michels, 1981; Pinto & Garganta, 1989; Castelo, 1994) ofensiva e defensiva nas zonas próximas do centro do jogo, isto é, nas zonas próximas da bola é uma condição que contribui para a resolução

tático-técnica de situações momentâneas do jogo. Como tal, pensamos ser pertinente configurar a relação numérica nas sequências ofensivas e defensivas.

Estabeleceram-se três tipos de relação numérica, a partir dos quais o observador considera:

- Superioridade Numérica (SUP), quando a equipa, num determinado momento e espaço possui um maior número de jogadores do que a equipa adversária, próximos da bola, com possibilidades de intervir sobre a mesma (Queiroz, 1986, Castelo, 1994).
- Igualdade Numérica (IG), quando a equipa, num determinado momento e espaço, possui o mesmo numero de jogadores que a equipa adversária, com possibilidades de intervir na bola (Queiroz, 1986, Castelo, 1994).
- Inferioridade Numérica (IN), quando a equipa, num determinado momento e espaço possui, um numero de jogadores inferior ao da equipa adversária com possibilidades de intervir na bola (Queiroz, 1986, Castelo, 1994).
- **Relação Numérica na Desmarcação (RND)**- Numero de jogadores (adversários e/ou colegas de equipa) com possibilidades de intervir sobre o jogador ou a bola. O observador considera as categorias (SUP, IG, IN) anteriormente definidas.

### **Acções com bola**

- **Recepção**- Acção tático-técnica que permite o controlo ou domínio da bola. Esta pode ser efectuada em resposta ao passe de um colega ou adversário.
- **Zona de Recepção do Passe (ZRP)**- Para além do registo na ficha de observação, o observador regista o local onde ocorreu a acção. Esta variável apresenta 12 categorias, representando cada uma diferentes zonas do campo (campograma- Anexo I).
- **Número de Contactos na Recepção (NctR)**- É registado o número de contactos independentemente da zona de contacto, que o JMD necessita de realizar para a controlar ou dominar a bola no momento da recepção.

- **Relação Numérica na Zona de Recepção do Passe (RNZRP)**- Estabelecida anteriormente para outras variáveis.
- **Resultado da Recepção (RR)**- Consideram-se dois tipos:
  - Positiva (RP)- Quando o JMD respeita uma das seguintes situações:
    - (1)- Realiza os contactos necessários para manter o controlo ou domínio da bola;
    - (2)- Após um ou mais contactos, executa uma das seguintes acções: condução, passe ou remate;
  - Negativa (RN)- Quando o JMD não cumpre nenhuma das condições anteriores e perde a posse de bola.
- **Condução de Bola**- É uma acção táctico-técnica imprescindível não só na progressão para a baliza adversária (penetração), como também temporizar a acção ofensiva (manutenção da posse de bola) (Castelo, 1994; 1996)
- **Condução da Bola com Progressão (CCP)**- Penetração. O jogador procura a progressão em direcção à linha de baliza adversária e/ou baliza adversária, com o objectivo de se aproximar desta para finalizar.
- **Condução de Bola sem Progressão (CSP)**- Temporização. O jogador procura manter a posse de bola, esperando o momento mais adequado para desenvolver o ataque.
- **Relação numérica na Condução (RNC)**- Estabelecida anteriormente para outras variáveis.
- **Resultado da Condução (RC)**- Consideram-se dois tipos de resultados:
  - Positiva (CP)- Quando o JMD respeita uma das seguintes situações:
    - (1)- Executa um passe positivo (que permite manter a posse de bola);
    - (2)- Realiza um remate (finalização).
  - Negativa (CN)- Quando o médio-defensivo não cumpre nenhuma das condições anteriores e perde a posse de bola.
- **Passe**- É a transmissão da bola entre dois elementos da mesma equipa, com o objectivo de manter a sua posse ou procurar a progressão em direcção da baliza adversária para finalizar. É um elemento fundamental

ao nível da colaboração e comunicação entre jogadores da mesma equipa (Castelo, 1994; 1996).

- **Zona do Passe (ZP)**- Registo da zona do campo onde o JMD realizou o passe.
- **Relação Numérica na Zona do Passe**- Estabelecida anteriormente para as outras variáveis.
- **Número de contactos no passe (NctP)**- O observador deve registar o número de contactos independentemente da zona de contacto, que o JMD necessita de realizar para passar.
- **Tipo de Passe** – O observador considera a vertente qualitativa do passe, relativamente às categorias alcance, direcção/sentido e altura.

- Alcance - Foram enquadrados o passe curto e o médio na mesma dimensão e o passe longo noutra dimensão. O observador considera um passe curto/médio sempre que a bola é transmitida na mesma zona topográfica, ou numa das zonas contíguas assinaladas no campograma entre dois jogadores da mesma equipa e passe longo quando a bola cruza duas zonas contíguas e foi jogada numa terceira zona entre dois jogadores da mesma equipa (Garganta, 1997, Silva, 1998).

- Direcção/Sentido - Relativamente a esta componente, considerou-se que o passe foi realizado para a frente quando a bola é transmitida no sentido da baliza adversária, passe para trás quando a bola é transmitida no sentido da baliza defendida e passe para o lado, quando a bola foi transmitida lateralmente ao eixo de ataque (Castelo, 1994; Garganta, 1997; Silva, 1998).

- Altura – No que concerne a esta categoria, o observador considerou passe rasteiro sempre que a bola foi transmitida entre dois jogadores da mesma equipa não ultrapassando o nível do joelho; passe meia-altura quando a bola foi transmitida entre dois jogadores da mesma equipa a uma altura não ultrapassando a sua altura e passe alto quando a bola foi transmitida entre dois jogadores da mesma equipa através de uma

trajectória que ultrapassa a altura dos jogadores (Castelo, 1994; Silva, 1998).

- **Resultado do Passe** - Consideramos dois tipos de resultados:
  - Positivo (PP)- Quando o JMD respeita uma das seguintes situações:
    - (1) executa um passe positivo (que permite manter a posse de bola);
    - (2) cria condições para finalização (remate).
- - Negativo (PN)- Quando o JMD não cumpre nenhuma das condições anteriores ( perde a posse de bola).
- **Assistência (ASS)** - É um passe (ultimo) que cria condições favoráveis de finalização.
- **Finalização** - É caracterizada pela acção táctico-técnica individual (remate) que culmina todo o trabalho de equipa.
- **Zona de Finalização (ZF)**- Zona ocupada pelo jogador durante o remate. Esta variável apresenta doze categorias, representando cada uma diferentes zonas do campo.
- **Forma de Finalização (FF)**- A acção técnica (remate com o pé ou de cabeça) que precedeu o momento de remate.
- **Resultados da Finalização (RF)**- **Para determinar o resultado foram considerados três tipos** ( Sousa 2000, adaptado de Garganta, 1997);
  - Êxito total (ET) - Quando o remate termina com a obtenção de golo;
  - Êxito parcial (EP) - Quando o remate é enquadrado com a baliza, sem obtenção de golo ( é defendida pelo guarda-redes ou embate nos postes ou na trave);
  - Sem êxito (SE)- Quando o remate não é enquadrado com a baliza, a bola sai pela linha de baliza e/ou é interceptado antes de chegar à baliza.
- **Zona de perda da posse de bola (ZPPB)**- Local onde o jogador perde a posse de bola. Esta variável apresenta doze categorias, representando cada uma diferentes zonas do campo.

- **Forma de perda da posse da bola posse de bola (FPPB)**- Representa a forma através da qual a equipa ou o jogador perdeu a posse de bola, podendo esta acontecer de três formas:

- Intercepção (INT) – O observador anota intercepção quando uma acção desenvolvida por um jogador (adversário) se interpõe na trajectória da bola, quando esta é passada ou rematada pelo JMD ou outro jogador da equipa. Porém, o jogador que realiza esta acção tem de ficar claramente com a posse de bola ou realizar ao primeiro toque um passe para um colega de equipa (Castelo, 1994; Garganta, 1997).

- Desarme (DES) – O observador anota desarme quando o gesto táctico-técnico é efectuado pelo defesa (adversário) na tentativa de “roubar” a bola ao JMD ou outro colega da equipa, através do confronto 1x1 (duelo), respeitando as leis do jogo (Castelo, 1994). O jogador que realiza esta acção tem de ficar claramente na posse da bola (realiza/ executa pelo menos três contactos consecutivos com a bola, um passe positivo ou um remate).

- Outras situações (OS)– Perdas da posse de bola a partir de um mau passe/ recepção, faltas cometidas sobre os adversários, saídas da bola pelas linhas laterais (lançamentos da linha lateral) ou linhas de baliza (pontapé de baliza).

- **Relação Numérica na Zona de Perda da Posse de Bola (RNZPPB)** – Foi estabelecida anteriormente para outras variáveis.

**Processo Defensivo (PD):** Segundo Teoduresco (1984), representa a fase fundamental do jogo, na qual uma equipa luta para entrar na posse de bola, com vista à realização de acções ofensivas, sem cometer infracções e sem permitir que a equipa adversária obtenha golos. Esta fase caracteriza-se essencialmente por acções de marcação sobre os jogadores adversários da

equipa que tem posse de bola, sendo determinada por comportamentos tático-técnicos individuais e colectivos, que visam retirar a largura e profundidade ao jogo da equipa adversária, através da anulação e cobertura dos adversários e espaços livres, procurando com isto a defesa da baliza (impedir a finalização) e a recuperação da posse de bola (retirar a iniciativa ao adversário) (Castelo, 1994).

- **Numero da Sequência Defensiva (NSeD)** – Registo ordenado das sequências defensivas realizadas pela equipa durante o jogo, em que o JMD participou. Considera-se que o jogador ou a equipa conquista/recupera a posse de bola, quando respeita uma das seguintes situações:
  - (1)- realiza pelo menos três contactos consecutivos com a bola;
  - (2)- executa um passe positivo (que permite manter a posse de bola);
  - (3)- realiza um remate (finalização) (Garganta, 1997).
- **Zona ocupado pelo jogador Médio-defensivo no início da Sequência Defensiva (ZOJSeD)**– Zona ocupada pelo jogador antes de receber o passe. Esta variável apresenta doze categorias, representando cada uma diferentes zonas do campo.
- **Zona de Recuperação da Posse de Bola pelo Jogador (ZRPPBJ)** – Local onde o JMD ganha a posse de bola. Esta variável apresenta doze categorias, representando cada uma diferentes zonas do campo (campograma).
- **Tipo de Participação/Comportamento do Médio-defensivo na Recuperação da Posse de Bola**- Foram definidas três formas de participação:
  - Não Defende (ND)- Quando o JMD não recupera para trás da linha da bola, mantendo-se longe da recuperação da bola;
  - Defende de Forma Passiva (DFP)– Quando o JMD recupera para trás da linha da bola, mas mantêm-se longe da zona de recuperação da posse de bola;

- Defende de Forma Activa (DFA) – Quando o JMD recupera para trás da linha da bola, mantendo-se próximo da zona de recuperação da posse de bola e evidencia os seguintes comportamentos:
  - \***Contenção** – actua como 1º defesa, fazendo pressão sobre o adversário com bola;
  - \***Cobertura** – actua como 2º ou 3º defesa, procurando criar superioridade numérica na zona da bola.
  
- **Forma de Recuperação da Posse de Bola (FRPB)** – Representa a forma através da qual a equipa ou o jogador recuperam a posse da bola, correspondendo ao início do processo ofensivo, e pode ser efectuada de três formas:
  - Intercepção (INT) – O observador anota intercepção quando uma acção desenvolvida por um jogador se interpõe na trajectória da bola, quando esta é rematada por um adversário ou é passada para um outro adversário. Porém, o jogador que realiza esta acção tem de ficar claramente com a posse de bola ou realizar ao primeiro toque um passe para um colega de equipa (Castelo, 1994 e 1996; Garganta, 1997);
  
  - Desarme (DES) – O Observador aponta desarme quando um gesto táctico-técnico é efectuado pelo defesa na tentativa de “roubar” a bola ao adversário, através do confronto 1x1 (duelo), respeitando as leis do jogo (Castelo, 1994 e 1996). O jogador que realiza esta acção tem de ficar claramente com a posse de bola (realiza/executa pelo menos três contactos consecutivos com a bola, um passe positivo ou um remate).
  
  - Erro (ER) – O observador considera erro, quando o jogador recupera a posse de bola a partir de um mau passe/recepção do adversário.
  
- **Relação Numérica na Zona de Recuperação da Posse de Bola (RNZRPB)** – Foi estabelecida anteriormente para outras variáveis.

- **Resultado da Recuperação da Posse de Bola (RRPB)**– Consideramos dois tipos de resultados:
  - Positiva (RPBP) – Considera-se que o JMD ou a equipa conquista/recupera a posse de bola, quando respeita uma das seguintes situações:
    - (1)- realiza pelo menos três contactos consecutivos com a bola;
    - (2)- executa um passe positivo (que permite manter a posse de bola);
    - (3)- realiza um remate (finalização) (Garganta, 1997).
  - Negativa (RPBN) – Quando o JMD não cumpre nenhuma das condições anteriores.

#### **4.2.4. Procedimentos Estatísticos**

Os dados foram tratados pelos programas estatísticos *Excel 2007* e *SPSS 16.0*.

Para além da estatística descritiva (percentagem, média e desvio padrão) utilizada para caracterizar as distribuições relativas às variáveis quantitativas, tendo em consideração o tamanho da amostra, e as características das variáveis recorremos ao teste não paramétrico de Mann-Whitney para comparar as diferenças de médias entre os dois níveis (superior e inferior) e os factores Casa/Fora das variáveis qualitativas.



## 5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 5.1. Sequências Ofensivas (SeO) e Defensivas (SeD) com Participação do Médio-Defensivo

Como se esperava, em relação a estas variáveis verificamos que o nível de participação do JMD foi mais evidente no processo defensivo, participando em 482 sequências defensivas (SeD), do que no processo ofensivo tendo participado em 348 sequências ofensivas (SeO), não se verificando diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0.05$ ) em relação às médias (quadro 5).

Quadro 5. Média e desvio padrão ( $\pm dp$ ), frequência e percentagem do número de sequências ofensivas e defensivas por nível de jogo e factor casa/fora.

Seq.	Nível Sup. (n=6)			Nível Inf. (n=6)			Casa (n=6)			Fora (n=6)		
	Freq.	%	X $\pm$ DP	Freq.	%	X $\pm$ DP	Freq.	%	X $\pm$ DP	Freq.	%	X $\pm$ DP
SeO	162	39.0	27.6 $\pm$ 5.3	186	45.0	31.0 $\pm$ 3.8	176	42.7	29.3 $\pm$ 5.8	172	41.1	28.6 $\pm$ 3.8
SeD	254	61.0	42.3 $\pm$ 5.1	228	56.0	38.0 $\pm$ 2.6	236	57.3	39.3 $\pm$ 4.9	246	58.9	41.3 $\pm$ 4.4

No entanto, é possível verificar, através do quadro 5, que o JMD realiza em média por jogo, mais acções ofensivas com equipas de nível inferior (31.0 $\pm$ 3.8) do que com equipas de nível superior (27.0 $\pm$ 5.3), verificando-se uma ligeira tendência para realizar mais acções ofensivas em casa do que fora (29.3 $\pm$ 5.8 e 28.6 $\pm$ 3.8 respectivamente).

Relativamente às sequências defensivas (SeD), verificamos uma tendência para defender menos com equipas de nível inferior, 38.0 $\pm$ 2.6, já com equipas de nível superior tende a defender mais, 42.3 $\pm$ 5.1. Em relação ao factor casa/fora, verificamos que o JMD, parece defender mais fora do que em casa (28.6 $\pm$ 3.8 e 29.3 $\pm$ 5.8 respectivamente).

Através dos dados verificamos que a percepção que o treinador tem acerca da prestação do jogador nos jogos fora e em casa, é correcta, na medida em que o JMD não apresenta grandes alterações comportamentais em relação ao factor casa/fora.

Em relação ao nível de rendimento das equipas, foi referido pelo treinador o comportamento do JMD raramente era alterado.

## 5.2. Zonas, Sectores e Corredores do Terreno de Jogo Ocupados pelo Médio-defensivo Durante o Processo Ofensivo (PO) e Defensivo (PD)

Tendo em consideração o estatuto posicional e a função tática específica do JMD, verificamos que o espaço de jogo coberto pelo JMD, tanto no PO e PD, se situa predominantemente na zona média defensiva central (zona 5), sector médio ofensivo (SMO) e corredor central (CC)(quadro 7).

Quadro 6. Média e desvio padrão ( $x \pm dp$ ) para as zonas, sectores e corredores de jogo, considerando as equipas de nível superior e inferior e o factor casa/fora

Zonas	Nível Superior (n=6)		Nível Inferior (n=6)		Casa (n=6)		Fora (n=6)	
	PO	PD	PO	PD	PO	PD	PO	PD
	X $\pm$ DP	X $\pm$ DP	X $\pm$ DP	X $\pm$ DP	X $\pm$ DP	X $\pm$ DP	X $\pm$ DP	X $\pm$ DP
1	1.8 $\pm$ 1.7	0.8 $\pm$ 0.4	1.6 $\pm$ 1.8	1.5 $\pm$ 1.6	1.6 $\pm$ 0.6	1.2 $\pm$ 1.5	2.0 $\pm$ 2.1	1.2 $\pm$ 1.0
2	3.3 $\pm$ 2.9	4.0 $\pm$ 1.8	3.0 $\pm$ 3.6	3.2 $\pm$ 2.6	3.7 $\pm$ 4.8	3.5 $\pm$ 2.4	3.3 $\pm$ 1.2	3.7 $\pm$ 2.2
3	2.3 $\pm$ 2.4	5.0 $\pm$ 2.3	2.0 $\pm$ 4.7	4.7 $\pm$ 2.3	2.9 $\pm$ 5.0	4.8 $\pm$ 2.8	3.3 $\pm$ 1.9	4.8 $\pm$ 1.7
4	4.3 $\pm$ 3.9	6.0 $\pm$ 2.3	5.8 $\pm$ 1.2	5.2 $\pm$ 3.3	5.1 $\pm$ 3.7	5.5 $\pm$ 2.3	6.0 $\pm$ 2.5	5.7 $\pm$ 2.7
5	17.7 $\pm$ 6.0	28.3 $\pm$ 5.2	18.5 $\pm$ 3.9	23.8 $\pm$ 2.9	16.9 $\pm$ 5.1	26.7 $\pm$ 1.5	17.5 $\pm$ 4.4	25.5 $\pm$ 4.8
6	5.8 $\pm$ 3.3	7.7 $\pm$ 1.9	6.0 $\pm$ 4.1	6.3 $\pm$ 1.9	6.0 $\pm$ 3.6	7.2 $\pm$ 2.1	6.7 $\pm$ 4.4	6.8 $\pm$ 1.8
7	2.2 $\pm$ 1.9	1.3 $\pm$ 1.5	2.5 $\pm$ 2.3	1.5 $\pm$ 2.3	2.2 $\pm$ 6.2	1.7 $\pm$ 2.3	2.8 $\pm$ 1.8	1.2 $\pm$ 1.6
8	<b>6.3<math>\pm</math>3.5*</b>	2.0 $\pm$ 1.5	<b>9.8<math>\pm</math>1.8*</b>	1.2 $\pm$ 1.0	7.4 $\pm$ 3.9	2.0 $\pm$ 1.7	7.9 $\pm$ 2.6	1.2 $\pm$ 0.8
9	2.8 $\pm$ 1.5	1.0 $\pm$ 0.9	2.7 $\pm$ 2.1	0.5 $\pm$ 0.8	2.7 $\pm$ 1.6	0.5 $\pm$ 0.5	2.3 $\pm$ 4.8	1.0 $\pm$ 1.1
10	0.0 $\pm$ 0.0	0.2 $\pm$ 0.4	0.3 $\pm$ 0.5	0.3 $\pm$ 0.8	0.2 $\pm$ 0.4	0.0 $\pm$ 0.0	0.0 $\pm$ 0.0	0.5 $\pm$ 0.8
11	0.3 $\pm$ 0.5	0.0 $\pm$ 0.0	0.0 $\pm$ 0.0	0.0 $\pm$ 0.0	0.2 $\pm$ 0.4	0.0 $\pm$ 0.0	0.2 $\pm$ 0.4	0.0 $\pm$ 0.0
12	0.0 $\pm$ 0.0	0.0 $\pm$ 0.0	0.2 $\pm$ 0.4	0.0 $\pm$ 0.0	0.0 $\pm$ 0.0	0.0 $\pm$ 0.0	0.0 $\pm$ 0.0	0.0 $\pm$ 0.0
Sectores								
SD	7.4 $\pm$ 7.0	9.8 $\pm$ 4.5	6.6 $\pm$ 10.1	9.4 $\pm$ 6.5	7.6 $\pm$ 10.4	9.5 $\pm$ 6.7	8.8 $\pm$ 5.2	9.7 $\pm$ 4.9
SMD	27.8 $\pm$ 13.2	<b>42.0<math>\pm</math>6.5*</b>	30.3 $\pm$ 9.2	<b>35.3<math>\pm</math>8.1*</b>	<b>35.2<math>\pm</math>12.4*</b>	39.4 $\pm$ 5.9	<b>30.2<math>\pm</math>11.3*</b>	38.0 $\pm$ 9.3
SMO	<b>11.3<math>\pm</math>6.9*</b>	4.3 $\pm$ 3.9	<b>15.0<math>\pm</math>6.2*</b>	3.2 $\pm$ 3.1	12.3 $\pm$ 11.7	4.2 $\pm$ 4.5	13.0 $\pm$ 9.2	3.4 $\pm$ 2.7
SO	0.3 $\pm$ 0.5	0.2 $\pm$ 0.4	0.5 $\pm$ 0.9	0.5 $\pm$ 1.2	0.4 $\pm$ 0.8	0.2 $\pm$ 0.4	0.2 $\pm$ 0.4	0.5 $\pm$ 0.8
Corredores								
CE	10.9 $\pm$ 7.2	13.7 $\pm$ 5.1	10.9 $\pm$ 11.3	16.4 $\pm$ 6.5	11.6 $\pm$ 10.2	12.7 $\pm$ 5.9	12.3 $\pm$ 6.8	12.6 $\pm$ 0.2
CC	27.7 $\pm$ 12.9	<b>34.3<math>\pm</math>5.6*</b>	31.1 $\pm$ 6.6	<b>28.2<math>\pm</math>5.4*</b>	28.2 $\pm$ 14.2	32.2 $\pm$ 5.6	28.9 $\pm$ 8.6	30.4 $\pm$ 7.8
CD	8.3 $\pm$ 12.8	8.2 $\pm$ 4.6	9.2 $\pm$ 5.8	8.5 $\pm$ 8.0	8.5 $\pm$ 0.2	8.4 $\pm$ 6.1	9.2 $\pm$ 11.5	8.1 $\pm$ 5.9

\* Diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0.05$ )

A ocupação destas zonas por parte do jogador vai de encontro ao estudo de Castelo (1994,1996), que refere que o nível de intervenção dos jogadores pertencentes ao sector médio da equipa observa-se fundamentalmente nas zonas 5, 2, 6, 7 e 9, bem como uma maior preponderância nos corredores centrais do terreno de jogo.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0.05$ ), em algumas zonas do terreno de jogo, tanto em relação ao nível das equipas como em relação ao factor casa/fora (Quadro 6). Relativamente ao nível das equipas adversárias, no processo ofensivo existem diferenças na zona 8 tendo esta zona uma maior ocupação contra equipas de nível inferior ( $9.8 \pm 1.8$ ) em comparação com as equipas de nível superior ( $6.3 \pm 3.5$ ). Existem também diferenças estatisticamente significativas no SMO, sendo esta zona mais vezes ocupada pelo JMD com equipas de nível inferior ( $15.0 \pm 6.2$ ) do que com equipas de nível superior ( $11.3 \pm 6.9$ ). Estes dados levam-nos a querer que existe tendência do JMD jogar mais à frente no terreno de jogo quando o nível das equipas é inferior. Pensamos que esta situação se deve ao facto das equipas de nível inferior assumirem um estilo de jogo mais cauteloso e mais concentrado no seu sector defensivo permitindo ao JMD e restante equipa subir um pouco mais no terreno de jogo.

Ainda em relação ao nível das equipas, no processo defensivo, verifica-se que o SMO e CC apresentam maior ocupação por parte do JMD contra equipas de nível superior,  $42.0 \pm 6.5$  e  $34.3 \pm 5.6$  respectivamente, contra  $35.3 \pm 8.1$  e  $28.2 \pm 5.4$  apresentados em relação às equipas de nível inferior. Na nossa opinião este facto deve-se ao facto de as equipas de nível superior terem uma maior preponderância ofensiva, o que leva a que o JMD e sua equipa se envolvam em mais acções defensivas nestas zonas do terreno de jogo. Portanto podemos dizer que o JMD tende a defender mais com equipas de nível superior, tendo o JMD necessidade, por razões tácticas, de participar com mais frequência na recuperação da posse de bola nestas zonas.

Analisando agora as diferenças existentes em relação ao factor casa/fora, verifica-se que durante o processo ofensivo em casa o SMD tem uma maior preponderância de acções ( $35.2 \pm 12.4$ ) do que fora ( $30.2 \pm 11.3$ ). Pensamos que

estes valores se devem ao facto de nos jogos em casa ter sido necessário realizar mais acções defensivas nesta zona do terreno de jogo.

Em relação ao processo ofensivo, verificamos que existe congruência/acordo entre comportamentos táctico-técnicos realizados pelo JMD e a percepção do treinador, referiu que a zona 5 e SMD, são utilizados com muita frequência.

O treinador considerou que durante o processo defensivo o JMD ocupa preferencialmente a zona 5 e SMD, como tal, podemos considerar que a sua opinião /percepção está de acordo com os comportamentos observados.

### 5.3. Processo Ofensivo (PO)

Durante o processo ofensivo procuramos saber qual o tipo de acções táctico-técnicas com e sem bola mais utilizadas e o seu resultado, assim como as zonas, sectores e corredores onde se realizaram.

#### 5.3.1 Acções Sem Bola

Relativamente às acções sem bola, procuramos determinar as acções táctico-técnicas que permitiram ao JMD manter a posse de bola e a progressão e/ou finalização, assim como o respectivo resultado (Quadro 7) e as zonas privilegiadas para a realização dessas acções.

Quadro 7. Média e desvio padrão ( $\bar{x} \pm dp$ ) das acções táctico-técnicas ofensivas sem bola. bola.

	Nível Superior (n=6)	Nível Inferior (n=6)	Casa (n=6)	Fora (n=6)
DAP	24.2±3.1	25.0±4.3	24.6±3.6	26.1±2.1
DAN	1.5±2.3	2.1±0.8	1.3±0.4	<b>1.8±3.3*</b>
DRP	2.3±1.1	2.4±2.6	2.5±2.3	2.2±1.0
DRN	0.8±0.7	1.0±0.8	1.0±0.6	0.9±0.4

\* Diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0.05$ )

Como podemos verificar através do quadro 7, não encontramos diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0.05$ ) em relação ao nível de jogo das equipas (superior e inferior). No entanto, verificam-se diferenças entre as desmarcações de apoio negativas (DAN) em relação ao factor casa/fora, sendo que o JMD realiza mais DAN fora ( 1.8±3.3) do que em casa (1.3±0.4). Este facto pode-se dever à maior pressão exercida pelos adversários quando o JMD joga fora.

Tendo em consideração os resultados expostos no quadro 8, verificamos que das acções ofensivas sem bola, as mais frequentes são desmarcações de apoio positivas (DAP), sendo que 83.1% das acções ofensivas sem bola são deste tipo. Face à sua posição e função na equipa é de extrema importância o JMD realizar grande numero deste tipo de acções de forma a criar linhas de passe seguras para a continuação da manutenção da posse de bola, e de forma a estar posicionado para poder receber e circular a bola entre os vários corredores de jogo, procurando desequilíbrios na defesa adversária.

Concordando com Castelo (1994,1996), verifica-se que a desmarcação de apoio é a acção mais frequente em todas as zonas do terreno de jogo e que o tipo de desmarcação mais utilizados pelo JMD é a desmarcação de apoio.

Quadro 8. Frequência e Percentagem das acções táctico-técnicas sem bola do Processo Ofensivo, por zonas e sectores

Variáveis	Freq.	%	1	2	3	4	5	6	7	8	9
DAP	295	83.1	1.3	2.0	1.0	10.2	34.3	13.2	12.5	14.3	11.2
DAN	18	5.1	5.5	5.5	11.2	11.2	33.4	16.6	16.6	0.0	0.0
DRP	28	8.0	3.5	10.7	3.5	13.2	21.4	10.4	0.1	10.7	0.0
DRN	11	3.1	0.0	0.0	18.2	18.3	27.2	36.3	0.0	0.0	0.0
			<b>SD</b>			<b>SMD</b>			<b>SMD</b>		

Através dos quadros anteriores (Quadro 7 e 8), verificamos que as desmarcações de ruptura não são acções habituais no relatório de acções deste jogador. As desmarcações de ruptura valem por 11.1% das acções ofensivas realizadas sem bola, 8% positivas e 3.1% negativas. Pensamos que devido à sua função e posição em campo, a preocupação do JMD é dar apoio e equilíbrio e não tanto procurar a profundidade ofensiva.

Tendo em consideração o quadro 8, verifica-se o facto da zona 5 e o SMD serem espaços privilegiados para as desmarcações de apoio e ruptura, tanto positivas como negativa. É uma zona em que o JMD revela grande capacidade em realizar as suas acções táctico-técnicas, procurando constantemente a superioridade numérica nesses espaços. Face à pressão que é feito sobre o JMD e aos seus colegas de equipa, por parte da equipa adversária nesta zona leva a que este procure zonas/espaços onde possa receber a bola, procurando apoiar os colegas (defesas centrais, defesas laterais, médios centro e médios alas) ou através da sua mobilidade (desmarcações), criar espaços livres para facilitar a manutenção da posse de bola por parte da equipa.

O JMD deve procurar executar constantemente acções de cobertura (apoio) e ruptura, no sentido de facilitar a tarefa do colega de posse de bola e provocar desequilíbrios na estrutura defensiva adversária. O espaço de jogo deve ser utilizado, tanto em largura como em profundidade, no sentido de explorar e criar espaços livres nas zonas vitais do terreno de jogo.

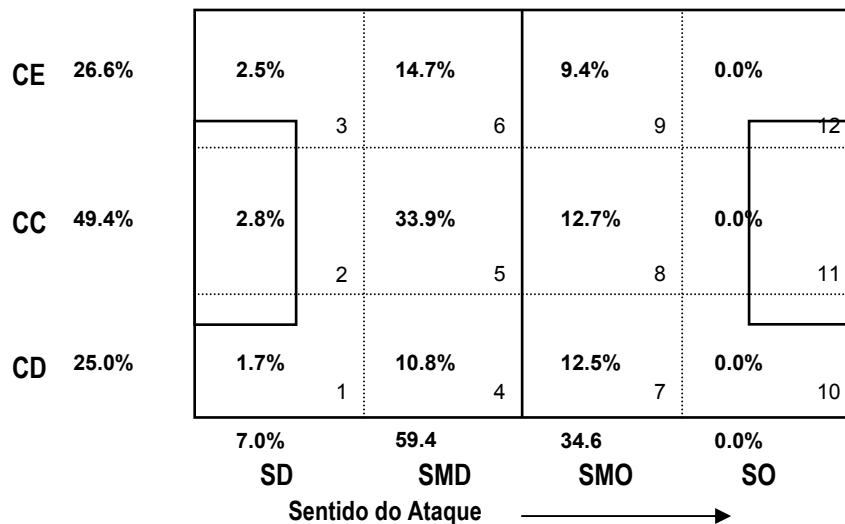


Fig. 5- Percentagem de acções táctico-técnicas ofensivas realizadas sem bola, durante o Processo Ofensivo por zonas, sectores e corredores.

Tendo em consideração os diferentes sectores do terreno de jogo (Figura 5), verificamos que o sector médio defensivo (59.4%), o corredor central (49.4%) e a zona média defensiva central (33.9%), são os espaços do terreno de jogo onde ocorrem mais acções táctico-técnicas sem bola.

Os dados apresentados, em relação às acções táctico-técnicas realizadas sem bola, durante o processo ofensivo, são coincidentes com os dados fornecidos e/ou percebidos pelo treinador.

### 5.3.2 Acções Com Bola

Relativamente às acções com bola, procuramos determinar as acções táctico-técnicas colectivas e individuais que permitiram ao JMD manter a posse de bola e a progressão, o tipo e a forma como estas acções são executadas, assim como o respectivo resultado (quadro 9).

Quadro 9. Média e desvio padrão ( $\bar{x}\pm dp$ ) das acções táctico-técnicas ofensivas com bola.

	Nível Superior (n=6)	Nível Inferior (n=6)	Casa (n=6)	Fora (n=6)
RecP	13.8±4.3	14.0±3.713	14.8±2.1	13.0±3.5
RecN	2.7±1.4	2.8±1.8	3.0±1.2	2.5±1.8
CCPP	2.0±1.2	2.7±0.4	2.3±1.3	2.3±0.4
CCPN	0.8±0.8	0.3±0.5	0.1±0.6	<b>0.8±1.1*</b>
CSPP	4.0±1.3	3.2±2.4	3.8±1.5	3.3±1.1
CSPN	0.6±0.8	0.3±0.5	0.3±0.4	0.7±0.3
PASSP	31.5±3.0	33.2±4.4	30.8±5.4	33.6±2.6
PASSN	3.6±1.3	4.1±2.1	3.2±1.9	<b>4.6±3.1*</b>
PPB	6.0±2.3	5.6±3.5	6.3±2.7	4.6±1.8
FINET	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
FINEP	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
FINSE	0.5±0.2	0.0±0.0	0.5±0.2	0.0±0.0
ASSP	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
ASSN	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0

\* Diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0.05$ )

Como podemos verificar no quadro 9, encontramos algumas diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0.05$ ) ao nível dos jogos fora, em relação ao número de passes negativos e conduções negativa (sem êxito) executados pelo JMD.

Em casa, a média de passes negativos ( $3.2 \pm 1.9$ ) realizados é inferior ao número de passes (sem êxito) fora ( $4.6 \pm 3.1$ ), isto significa que o JMD erra menos passes em casa do que fora.

Tambem em casa, o JMD realiza menos erros na condução de bola com progressão ( $0.1 \pm 0.6$ ) do que fora ( $0.8 \pm 1.1$ ). Tanto nesta situação como em relação aos passes, estas situações poderá significar que o JMD sofre mais pressão em jogos fora de casa o que leva a que realize mais erros.

Em relação ao passe existe uma ligeira tendências para realizar mais passes positivos em casa ( $36.0 \pm 5.4$ ) do que fora ( $33.6 \pm 2.6$ ), sem se verificar diferenças relativamente ao nível dos jogos.

Segundo alguns estudos o Factor casa/fora poderá influenciar o comportamento de alguns jogadores ( Schwartz e Barsky, 1977; Varca, 1980; Gayton, 2001 e Pollard, 2006). No nosso caso e mediante os resultados apresentados verifica-se que o JMD, em relação às acções negativas, parece ser mais influenciado pelo factor casa/fora do que propriamente pelo nível das equipas adversárias. Já em relação as acções positivas o jogador não parece

ser afectado, nem em relação ao factor casa/fora nem em relação ao nível das equipas.

Relativamente as perdas de posse de bola, o nível do jogo não influencia o JMD ( $6.0 \pm 2.3$  em jogos com equipas de nível superior e  $5.6 \pm 3.5$  em jogos com equipas de nível inferior), contudo em relação ao factor casa/fora existe a tendência para recuperar mais bolas em casa ( $6.3 \pm 2.7$ ) do que fora ( $4.6 \pm 1.8$ ).

Quadro 10. Frequência e Percentagem das acções táctico-técnicas com bola do Processo Ofensivo, por zonas e sectores

Variáveis	Freq.	%	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
RecP	165	21.3	0.5	3.5	1.2	10.1	70.0	11.3	2.3	8.9	1.7	0.0	0.0	0.0
RecN	21	2.7	0.0	0.0	0.0	17.0	24.2	22.2	10.1	15.1	12.1	0.0	0.0	0.0
CCPP	29	3.7	3.1	9.3	3.1	15.6	25.5	12.5	15.6	12.5	3.1	0.0	0.0	0.0
CCPN	5	0.6	0.0	0.0	16.6	0.0	33.4	16.6	33.4	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
CSPP	44	5.8	0.0	0.0	0.0	17.0	44.6	14.8	10.6	14.8	6.3	0.0	0.0	0.0
CSPN	6	0.7	14.3	0.0	0.0	42.8	0.0	14.3	14.3	0.0	14.3	0.0	0.0	0.0
PASSP	378	48.8	1.2	12.8	4.1	9.2	52.1	10.1	2.1	5.5	2.6	0.0	0.0	0.0
PASSN	37	4.8	0.0	14.8	4.5	12.7	31.9	10.6	6.3	12.7	6.3	0.0	0.0	0.0
OSN	7	0.9	0.0	0.0	0.0	28.5	14.2	14.2	0.0	28.5	0.0	0.0	0.0	0.0
PPB	79	10.2	4.2	11.2	5.6	8.4	39.4	9.6	5.6	9.8	8.1	0.0	0.0	0.0
FINET	0	0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
FINEP	0	0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
FINSE	3	0.3	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	100	0.0
ASSP	0	0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
ASSN	0	0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
			<b>SD</b>			<b>SMD</b>			<b>SMO</b>			<b>SO</b>		

Tendo como referência o quadro 10, verifica-se um alto índice de passes positivos (PASSP) (48.8%) e recepções positivas (RecP) (21.3%), por parte do JMD como era de esperar. Resultados semelhantes foram obtidos por Godik e Popov (1993) no seu estudo sobre o jogador Mijailichenko, embora sendo um médio com funções diferentes, realizou uma média de 28 passes correctos por jogo.

O passe é a acção táctico-técnica de relação (comunicação/cooperação) colectiva mais simples e fundamental entre os vários jogadores da mesma equipa, é a acção predominante no jogo de Futebol (Castelo, 1994, 1996). Segundo Hughes (1990) “ nada destrói tão rapidamente a confiança de uma equipa como um passe impreciso, nada constrói tão rapidamente a confiança de uma equipa como um passe preciso... não existe nenhum substituto para uma boa acção técnica de passe e não existe nenhuma estratégia que resista a passes imprecisos”. Verifica-se que a zona predominante para a execução

destas acções são a zona 5, (52,1% de PASSP e 70.0% RecP, respectivamente) e o SMD ( 71.4% de PASSP e 91.4% de RecP, respectivamente). Segundo Castelo (1994, 1996) estas zonas são ricas nestas acções táctico-técnicas pois normalmente constituem-se como espaços preferenciais à preparação e construção do processo ofensivo. Assim,este tipo de acções são fundamentais para a actuação do JMD tendo em conta a sua função/posição em campo. É através destas acções que o jogador consegue circular a bola entre os vários corredores de jogo, sendo uma ajuda preciosa na organização e temporização do jogo.

Quadro 11. Frequências e Percentagens dos tipos de passe.

Categorias	Alcance		Direcção/Sentido			Altura		
	Pctm	Plg	Pf	Pt	Pl	Pr	Pma	Pa
Freq.	353	25	153	49	176	344	28	6
%	93.3	12.6	37.8	15.2	46.8	86.6	11.4	1.9

Em conjunto com o anteriormente exposto sobre a quantidade de passes efectuados pelo jogador, foi observado e registado o tipo de passes predominantemente realizados pelo JMD (Quadro 11). Como podemos verificar através do quadro 11, a grande maioria dos passes realizados pelo JMD, foram o passe curto, rasteiro e feito para à frente ou para o lado. Estes resultados indicam que existe a preocupação por parte do JMD em realizar muitos passes para outros corredores que não o seu, permitindo que consiga enumeras vezes tirar a bola da zona de pressão, manter a posse de bola e circular a bola pelos vários corredores do jogo, passando a bola enumeras vezes em condições de ser rapidamente dominada pelo jogador destinatário. O JMD não arrisca muitas vezes o passe longo preferindo jogar seguro para jogadores que se desmarcam nas laterais do campo, onde a relação numérica é favorável à sua equipa.

Se verificarmos o número de contactos realizados para recepcionar e passar a bola (Quadro 12), verifica-se que o JMD necessita normalmente de apenas um ou dois contactos para receber ou passar a bola, permitindo assim que o jogador tenha espaço e tempo suficiente para executar os seus comportamentos táctico-técnicos e uma melhor ligação com as acções táctico-técnicas subsquentes ao controlo da bola. O jogador de futebol actual deve ter

a capacidade de em qualquer momento, e em qualquer situação receber a bola e dominá-la rapidamente criando tempo e o espaço necessário para poder jogar Castelo (1994, 1996). Neste sentido, a importância do primeiro contacto da bola é fundamental.

Quadro 12. Frequência e percentagem do numero de Contactos na bola no Passe e Recepção.

<b>Somatório de Contactos na Recepção e Passe</b>	<b>1 Contacto</b>	<b>2 contactos</b>	<b>+ contactos</b>
601	231 (38.4)	319 (53.0)	51 (8.4)

Voltando ao quadro 10, e tendo em consideração as conduções de bola, verifica-se que não é um método preferencial do JMD ao abordar o jogo ofensivo, sendo que estas acções valem por 17.2% (CCPP- 3.7% ; CCPN- 0.6% ; CSPP- 5.8%; CSPN-0.7%) das acções ofensivas com bola realizadas pelo jogador. Relativamente a CSPP, esta é utilizada algumas vezes e com bastante sucesso, o que nos leva a crer que esta acção auxilia em determinados momentos e é importante para o JMD controlar o ritmo de jogo, procurando tempo e espaço para exercer as suas acções, no sentido de esperar que os colegas se desmarquem ou ocupem espaços livres, bem como na procura de desequilíbrios no processo defensivo adversário. Segundo Castelo (1994,1996), esta acção é imprescindível não só para progredir no terreno de jogo, mas para temporizar a acção ofensiva possibilitando uma movimentação táctica dos seus companheiros com o objectivo de criar as condições mais favoráveis à evolução do jogo.

Analisando o quadro 10, verifica-se que são raras as vezes que o jogador realiza acções de finalização e assistência, principalmente devido à sua posição e função na equipa contudo quando realizadas tendem a partir da zona 11.

Regressando novamente ao quadro 10, e tendo em consideração as perdas de posse de bola, verifica-se que apesar de o JMD actuar numa zona do terreno de jogo onde seja propício perder a posse de bola, ele perde relativamente poucas bolas, sendo que estas constituem 10.2% das acções ofensivas com bola realizadas pelo JMD. É de referir que as perdas de posse de bola ocorrem preferencialmente na zona 5. Na nossa opinião, este índice de perdas de posse

de bola deve-se ao facto de o JMD, como foi referido anteriormente, realiza quase sempre acções correctas, rápidas e de um ou dois toques. É crucial não perder bolas nesta zona, pois é uma posição que pode dar vantagem ao adversário.

Prosseguindo com a análise relativa as perdas de posse de bola (Quadro 13), verifica-se que a forma como o JMD perde a bola é na maioria das vezes através de desarme (50.7%), seguindo-se as perdas através de outras situações e por intercepções, 29.5% e 19.7%, respectivamente.

Quadro 13. Frequências e Percentagens das formas de recuperação da posse de bola.

<b>FPPB</b>	<b>INT</b>	<b>DES</b>	<b>OS</b>
Freq	14	36	21
%	19.7	50.7	29.5

Tendo em consideração a relação numérica na zona das acções ofensivas (quadro 15), constatamos que o JMD revela algumas dificuldades individuais e colectivas, ao nível da execução do passe quando na zona da bola está em igualdade ou inferioridade numérica em relação ao adversário, o mesmo se verifica em relação às outras situações negativas quando se encontra em inferioridade.

Quadro 14. Relação Numérica das e respectivas frequências e percentagens estabelecidas nas zonas de perda de posse de bola

<b>RN</b>	<b>RecN</b>	<b>PASSN</b>	<b>CCPN</b>	<b>CSPN</b>	<b>OSN</b>	<b>FINSE</b>	<b>PPB</b>
SUP	4	8	1	2	2	3	17
INF	10	19	2	2	3	0	38
IG	7	10	2	2	2	0	21

Na figura 6, podemos observar a preponderância das acções ofensivas em relação às zonas, sectores e corredores do terreno de jogo. Como já foi referido anteriormente, a zona 5, o SMD e o CC, são as zonas em que ocorrem maior número de acções ofensivas.

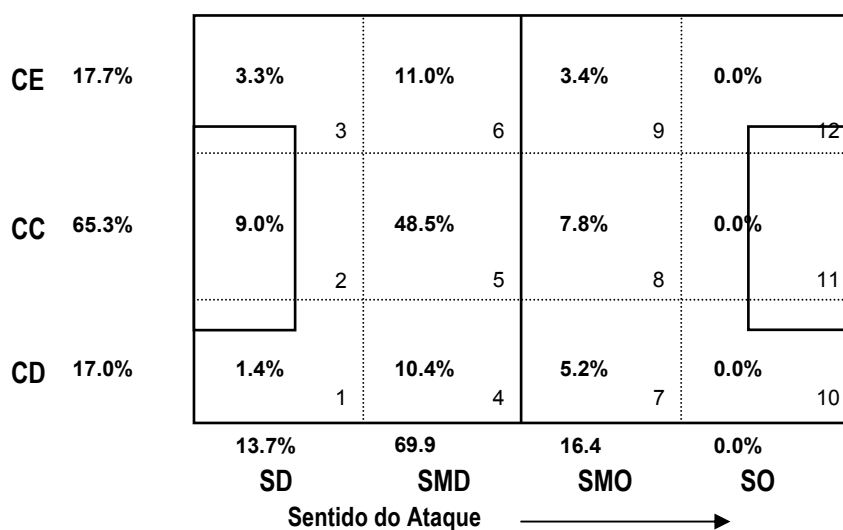


Fig. 6- Percentagem de acções táctico-técnicas ofensivas realizadas com bola, durante o Processo Ofensivo por zonas, sectores e corredores.

Os dados apresentados, em relação às acções táctico-técnicas realizadas com bola, durante o processo ofensivo, são coincidentes com os dados fornecidos e/ou percebidos pelo treinador.

#### 5.4. Processo Defensivo (PD)

Em relação ao processo defensivo procuramos determinar a atitude/comportamentos manifestados pelo JMD na recuperação da posse de bola, assim como a forma e a zona de recuperação da posse de bola.

Quadro 15. Média e Desvio Padrão (x±dp) das acções táctico-técnicas do Processo Defensivo.

	Nível Superior (n=6)	Nível Inferior (n=6)	Casa (n=6)	Fora (n=6)
ND	2.5±1.2	2.2±2.0	2.0±1.8	2.6±1.4
DA	33.6±3.7	32.9±4.3	32.8±5.6	33.5±3.5
DP	9.1±4.2	8.8±2.8	8.4±3.4	8.1±3.0
RPBP	13.0±3.8	14.1±3.7	14.8±4.2	13.5±4.0
RPBN	2.1±1.4	1.6±1.2	1,3±1.4	2.0±1.2

Como podemos verificar no quadro não existem diferenças estatisticamente significativas ( $p>0.05$ ) em relação às variáveis em estudo.

É de salientar, face aos resultados, que o JMD evidencia uma grande atitude defensiva em relação à recuperação da posse de bola, sendo muito raro as situações em que ele não defende. O JMD, tem tendência para participar mais nas sequências/acções defensivas com as equipas de nível superior.

Quadro 16. Frequência e Percentagem das acções táctico-técnicas do Processo Defensivo, por zonas e sectores .

Variáveis	Freq.	%	1	2	3	4	5	6	7	8	9
ND	31	4.4	0.0	0.0	0.0	14.3	14.3	25	10.7	17.8	17.8
DA	388	55.9	9.3	11.3	7.8	8.6	32.3	10.5	5.6	8.6	6.0
DP	99	14.2	8.5	9.5	8.4	9.4	35.4	11.7	5.3	6.1	6.6
RPBP	158	22.7	4.4	15.5	3.9	14.7	40.8	14.5	1.9	1.9	2.6
RPBN	18	2.5	0.0	13.2	8.6	13.2	21.7	13.1	8.6	17.3	4.3
			<b>SD</b>			<b>SMD</b>			<b>SMO</b>		

Tendo em consideração as sequências defensivas (SeD) observadas (482), verificamos que em 55.9% das SeD o JMD defende de forma activa, defendendo de forma passiva em 14.2% das SeD e não defendendo apenas em 3.4% das sequências (quadro 16).

O JMD realiza as suas acções defensivas (DA e DP), maioritariamente na zona 5 (32.3% e 35.4% respectivamente), e o sector médio ofensivo (SMD- 52.6 e 56.5% respectivamente) são os espaços de jogo onde manifesta valores mais elevados, pois são nestes espaços que se desencadeiam as primeiras “verdadeiras” acções defensivas que procuram consubstanciar a posse de bola (Castelo, 1994,1996). O mesmo autor refere que os jogadores pertencentes ao sector médio são os que mais pressionam os adversários de posse de bola.

Considerando a recuperação da posse de bola (quadro 16), verificamos que a zona 5 (40.8%) e SMD (70%) são os espaços privilegiados para esta acção. Segundo Castelo (1994,1996), nestes espaços verificam-se altas percentagens de recuperações de bola.

Ao considerarmos o total de recuperações de posse de bola efectuados pelo JMD (158) e pela sua equipa (688) verificamos que recuperou 28.8% das bolas da equipa (quadro 17). De acordo com Castelo (1994,1996), são os jogadores pertencentes ao sector médio os que mais bolas recuperam.

Quadro 17. Frequência e Percentagem das recuperações de bola da equipa e do JMD

<b>RPB</b>	<b>RPBEq</b>	<b>RPBJMD</b>
Freq.	688	158
%	100	22.8

Os comportamentos táctico-técnicos individuais e colectivos que permitiram ao JMD recuperar a posse de bola (quadro 18) foram a interceptção (59.4%) e o desarme (34.8%). Segundo Castelo (1994,1996) os comportamentos táctico-técnicos que normalmente permitem a recuperação da posse de bola são a interceptção (73%) e o desarme (27%).

Quadro 18. Frequência e Percentagem das formas de recuperação da posse de bola

<b>RPB</b>	<b>INT</b>	<b>DES</b>	<b>OS</b>
Freq	94	55	9
%	59.4	34.8	5.6

Quadro 19. Relação Numérica nas zonas de recuperação da posse de bola

<b>RNZPPB</b>	<b>Freq</b>	<b>%</b>
SUP	81	51.2
INF	26	16.4
IG	51	32.2

A grande percentagem de bolas recuperadas, ocorreu em superioridade numérica (51.7%) ou em igualdade (34.9%). O facto de grande parte das recuperações se ter efectuado em superioridade ou igualdade numérica revela uma elevada participação colectiva na recuperação da posse de bola por parte do JMD. Segundo Bangsbo e Pieterse (2001) para recuperar de forma eficaz a posse de bola é importante a equipa encontrar-se em superioridade numérica pois facilita a recuperação de bola através das coberturas defensivas e posteriormente na manutenção da posse de bola. É Também de realçar, o óptimo aproveitamento dos erros do adversário por parte do JMD, aspecto fundamental na construção rápida de acções ofensivas.

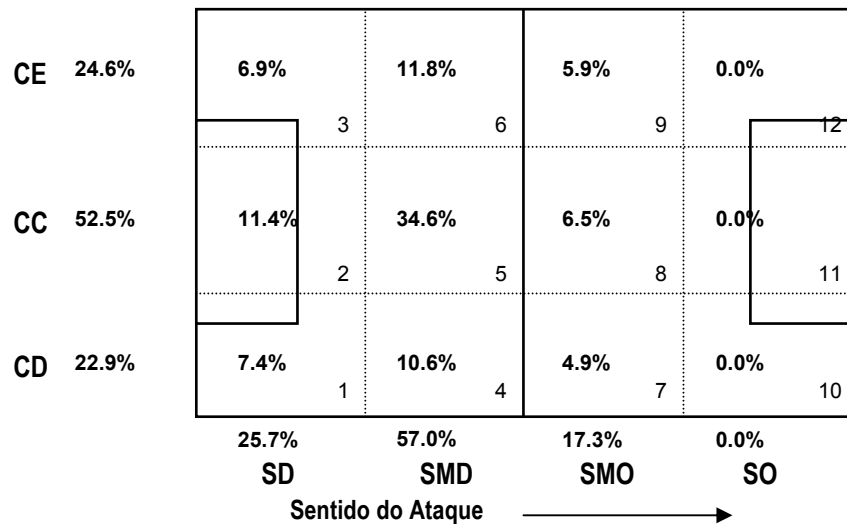


Fig. 7 - Percentagem das acções táctico-técnicas realizadas pelo JMD durante o Processo Defensivo, por zonas, sectores e corredores.

Tendo em consideração a opinião do treinador, relativamente ao JMD, verificamos que existe congruência (acordo) em relação ao sector do campo mais utilizado para recuperar a posse de bola (SMD), bem como em relação às acções utilizadas para recuperar a posse de bola.

A zona 5 (34.6%), o SMD (57%) e CC (52.5%) são os espaços de jogo (figura X) onde o JMD mais defende (procura recuperar mas vezes a posse de bola), sendo nestes espaços que revela maior atitude defensiva.

### 5.5. Perfil de Prestação do Jogador Médio-Defensivo

Tendo em consideração os comportamentos observados e os resultados obtidos podemos definir o perfil de prestação do jogador Médio-defensivo.

#### Durante o Processo Ofensivo:

##### Sem bola:

- (i) Os espaços do terreno de jogo preferencialmente utilizados, são a zona média defensiva central (zona 5), o sector médio defensivo (SMD) e o corredor central (CC);

- (ii) A desmarcação de apoio é a acção táctico-técnico utilizada com mais frequência;
- (iii) A zona 5, o SMD e o CC, são os espaços onde as desmarcações de apoio são mais eficazes;
- (iv) A zona 5, SMD e o CC, são os espaços do terreno de jogo onde as desmarcações de ruptura são mais eficazes.

Com bola:

- (i) Os espaços do terreno de jogo preferencialmente utilizados são, a zona 5, o SMD e CC;
- (ii) O passe é a acção táctico-técnico utilizado com mais frequência e com alto nível de eficácia;
- (iii) O tipo de passe utilizado com mais frequência e eficácia, é o passe curto/médio, rasteiro e para a frente ou para o lado;
- (iv) O jogador não perde muitas vezes a posse de bola, embora quando perde é normalmente encontra-se em inferioridade numérica.

**Durante o Processo Defensivo:**

- (i) A zona 5, o SMD e o CC, são os espaços de jogo preferencialmente utilizados para recuperar a posse de bola.
- (ii) Revela um alto nível de eficácia ao nível da recuperação da posse de bola;
- (iii) Defende de forma activa, participando frequentemente na recuperação da bola;
- (iv) A intercepção é a acção táctico-técnica mais eficaz na recuperação da posse de bola;
- (v) O jogador recupera mais vezes a posse de bola quando se encontra em superioridade numérica.

## 5.6. Congruência entre o Perfil de Prestação do Jogador Médio-Defensivo e a Percepção do Treinador

Quadro 20. Congruência entre prestação tático-técnico do JMD e a percepção do treinador.

Variáveis	Percepção do Treinador	Prestação do Jogador	Congruência
Espaço do terreno de jogo ocupado durante o PO sem bola	Zona 5 e SMD utilizado com frequência	O JMD realizou: Zona 5- 33.9% das acções sem bola SMD- 59.4% das acções sem bola	Sim
Desmarcações de apoio	Realizados com frequência no SMD	O JMD realizou no SMD, 83.3% destas acções.	Sim
Desmarcações de ruptura	Não são realizados com muita frequência	11.1 das acções sem bola são DR	Sim
Espaço do terreno de jogo ocupado durante o PO com bola	Zona 5 e SMD utilizados com frequência	O JMD realizou: Zona 5- 48.5% das acções com bola SMD- 69.9% das acções com bola	Sim
Passe	Muita frequência	48.8% das acções com bola são passes	Sim
Condução com progressão (Penetração)	Pouca frequência	3.7% das acções com bola são CCP	Sim
Finalização	Pouca Frequência	0.3% das acções com bola são finalizações	Sim
Recepção e Condução sem progressão	Frequente	21.3% das acções com bola são recepções e 5.8% são CSP	Sim
Atitude ofensiva Casa/fora	Não condiciona	DAN, CCPN e PASSN, apresentam diferenças estatisticamente significativas.	Parcial
Atitude ofensiva Sup/Inf	Não condiciona	Não existem diferenças estatisticamente significativas	Sim
Espaço do terreno de jogo ocupado durante o PD	Zona 5 e SMD utilizados com frequência	O JMD realizou: Zona 5- 34.6% das acções defensivas SMD- 57.0% das acções defensivas	Sim
Intercepção	Frequente	59.4% das recuperações de posse de bola são intercepções	Sim
Desarme	Frequente	34.8% das recuperações de posse de bola são desarmes	Sim
Defesa Passiva	Não muito frequente	14.2% das acções defensivas foram defesa passiva	Sim
Defesa Activa	Frequente	55.9% das acções defensivas foram defesa activa	Sim
Atitude defensiva Casa/fora	Não condiciona	Não existem diferenças estatisticamente significativas	Sim
Atitude defensiva Sup/Inf	Não condiciona	Não existem diferenças estatisticamente significativas	Sim



## 8. CONCLUSÕES

---

Em função dos resultados obtidos no presente estudo, foi possível definir o perfil de prestação do JMD, observado durante o processo defensivo e ofensivo e comparar esse perfil com a percepção do treinador.

1. Durante o processo ofensivo, sem bola, o JMD evidenciou os seguintes aspectos:

1.2. Os espaços do terreno de jogo preferencialmente utilizados, são a zona média defensiva central (zona 5), o sector médio defensivo (SMD) e o corredor central (CC);

1.3. A desmarcação de apoio é a acção táctico-técnico utilizada com mais frequência;

1.4. A zona 5, o SMD e o CC, são os espaços onde as desmarcações de apoio são mais eficazes;

1.5. A zona 5, SMD e o CC, são os espaços do terreno de jogo onde as desmarcações de ruptura são mais eficazes;

1.6. O JMD faz mais DAN, quando joga fora.

2. Durante o processo ofensivo, com bola, o JMD evidenciou os seguintes aspectos:

2.1. Os espaços do terreno de jogo preferencialmente utilizados são, a zona 5, o SMD e CC;

2.2. O passe é a acção táctico-técnico utilizado com mais frequência e com alto nível de eficácia;

2.3. O tipo de passe utilizado com mais frequência e eficácia, é o passe curto/médio, rasteiro e para a frente ou para o lado;

2.4. O JMD realiza mais PASSN e CCPN em jogos fora;

3. Em relação ao processo ofensivo houve congruência relativamente à maioria das variáveis, entre a prestação do JMD e a percepção do treinador. As exceções foram em relação as DAN, PASSN e CCPN.

4. Durante o Processo Defensivo o JMD evidenciou os seguintes aspectos:

4.1. A zona 5, o SMD e o CC, são os espaços de jogo preferencialmente utilizados para recuperar a posse de bola.

4.2. Revela um alto nível de eficácia ao nível da recuperação da posse de bola;

4.3. Defende de forma activa, participando frequentemente na recuperação da bola;

4.4. A intercepção é a acção táctico-técnica mais frequente na recuperação da posse de bola;

4.5. O jogador recupera mais vezes a posse de bola quando se encontra em superioridade numérica.

5. Em relação ao Processo Defensivo, a congruência entre a prestação táctico-técnica e a percepção do treinador foi total.

Através dos resultados, comparamos a prestação táctico-técnica do JMD com a percepção do treinador e verificamos que este tem uma óptima percepção acerca da prestação do jogador em relação ao processo defensivo, sendo menos congruente em relação às variáveis do processo ofensivo.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALI, A & FARRALY, M. (1990). An analysis of patterns in Soccer. *Science and Football*, 3: 37-44.\*
- AMIEIRO, N. (2004). *Defesa à zona no futebol: um pretexto para reflector sobre um “jogar”... bem, ganhando*. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.
- ARAÚJO, D. (1997). O treino da capacidade de decisão. *Treino desportivo*. Novembro p. 11-22.\*
- ARAÚJO, J. (1997). Atitude profissional do treinador. Novembro. p. 3-10.\*
- ARAÚJO, A.M. (1998). *Congruência entre o modelo de jogo do treinador e o futebol praticado pela equipa- o contra-ataque. Um estudo de caso em futebol de alto rendimento*. Tese de Mestrado, FCDEF-UP, Porto.
- BANGSBO, J. (1994). *Fitness training in football-a scientific approach*. University of Copenhagen. Denmark.
- BANGSBO, J & MIZUNO, M. (1981). A statistical analysis of tactical movement in soccer. In *Science and Football* 114-124, proceedings of the first World Congress of Science and Football. Liverpool 1987. T. Reilly, A. Lees, K. Davis, W.J. Murphy (Eds). E. & F.N. Spon. London- New York.
- BANGSBO, J E PIETERSEN, B. (2002). *Defensive soccer tactics*. Human Kinetics. Champaign, Illinois.
- BARBOSA, P. (1997). *“Assistente e Finalizador” – Posição táctica e acções desenvolvidas*. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.
- BATE, O. (1996). Soccer skills practice. In: *Science and Soccer*, 227-241. T.Reilly (Eds). E. & F.N. Spon, London.
- BATE, R. (1988). Football chance: Táctic and Strategy. In: *Science and Football*, 293-301. Proceedings of the First World Congress of Science and Football. Liverpool, 1987. T. Reilly, A. Lees, K. Davis, W.J. Murphy (Eds). E. & F.N. Spon. London- New York.
- BATTY, R. (1981). Football. *Entrainment à la européenne*. Eds Vigot Paris.\*
- BEZERRA, J. (1995). *Análise do comportamento motor do jogador com bola no futebol*. Tese de Mestrado em Ciências do Desporto- Desporto de Crianças e Jovens. FCDEF-UP.
- BISHOVETS, A.; GADREV, G & GODIK, M. (1993). Computer analysis of the effectiveness of collective technical and tactical moves of footballers in matches of the 1988 Olympics and 1990 World Cup. In: *Science and Football*, 232-236. Proceedings of the Second World Congress of Science and Football. Eindhoven, Netherlands. T. Reilly, A. Lees, K. Davis, W.J. Murphy (Eds). E. & F.N. Spon. London.
- BOMPA, T. (1990). *Theory and Methodology of training*. Kendall/ Hunt Publishing Company. USA.
- CABEZON, J.M. & FERNANDEZ, J. (1996). La mapa del gol. *Notiziario settore Tecnico- FIGC*, 4:16-21.\*

- CALLIGARIS, A., ET AL. (1990). Il calcio al computer da Mexico'86 verso Italia '90. F.I.G.C.- *Notiziario Settore Técnico*. Società Stampa Sportiva.\*
- CARNEIRO, C. (2001). *Análise e caracterização dos comportamentos tático-técnicos em Futebol: Estudo comparativo das movimentações e acções de jogo individuais do médio ala a dois níveis competitivos*. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.
- CASTELO, J. (1992). *Conceptualização de um modelo técnico-tático do jogo de futebol. Identificação das grandes tendências evolutivas do jogo das equipas de rendimento superior*. Tese de Doutoramento. FMH-UTL. Lisboa.\*
- CASTELO, J. (1994). *Futebol, Modelo técnico-tático do jogo*. Edições FMH. Universidade Técnica de Lisboa.
- CASTELO, J. (1996). *Futebol- A organização do jogo*. Edição do autor.
- CHERVENJAKOV, M.; DIMITROV, G.; KIRKOVA, T. (1988). Assessment of playing effectiveness of soccer players. In: *Science and Football*, 288-292. Proceedings of the First World Congress of Science and Football. Liverpool, 1987. T.Reilly, A. Lees, K. Davis & W.J. Murphy (Eds.). E. & F.N. Spon. London-New York.
- CHURCH, S. & HUGHES, M.D. (1986). Patterns of play in Association Football- A computerized analysis. *Comunic. Apes. Ao First World Congress of Science and Football*. Liverpool, 13-17.
- CLEMENTE, J. (1993). Dominar o meio-campo é correr para a vitória. *Jornal "O Jogo"*, 26 de Junho, p: 8-10.\*
- DUFOUR, W. (1993). Computer- assisted scouting in soccer. In: *Science and Football II*: 160-166. Proceedings of the Second World Congress of Science and Football. Eindhoven. Netherlands, 1991. T. Reilly, J. Clarys & A. Stibbe (Eds.). E.& F.N. Spon. London.
- DUGRAND, M. (1989). *Football, de la transparence à la complexité*. P.U.F. Paris.\*
- FARIA, R & TAVARES, F. (1992). O comportamento estratégico- acerca da autonomia de decisão nos jogadores de desportos colectivos. In: *As Ciências do Desporto, a Cultura e o Homem*: 291-296. J. Bento & A. Marques (Eds.). FCDEF-UP e CMP. Porto.
- FARIA, R. (1999). *Periodização Tática: um imperativo conceito metodológico do rendimento superior em futebol*. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.
- FRANKS, I & MCGARRY, T. (1996). The science of match analysis. In: *Science and Soccer*, 363-375. T, Reilly (Ed.) E.&F.N. Spon. London.
- FRANKS, I. & NAGELKERKE, P. (1988). The use of computer interactive technology in sports analysis. *Ergonomics*, 31 (99): 1593-1603.\*
- FRANKS, I. (2004). The need for Feedback. In: *Notational Analysis of Sport*. Second Edition. Eds. Mike Hughes and Ian M. Franks. New York. Pg. 8-16.
- HUGHES, C. (1990). *The winning Formula- Skills and Tactics*. The Football Association. William Collins Sons & Colt. Londres.
- GARGANTA, J. (1994). Para uma teoria dos Jogos Desportivos Colectivos. In: *O ensino dos Jogos Desportivos Colectivos*. 11-25. A.Graça e J.Oliveira (Eds.). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. FCDEF-UP.

- GARGANTA, J. (1996). Modelação da dimensão táctica do jogo de futebol. In: *Estratégia e Tática nos JDC*, 63-82. J. Oliveira e F. Tavares (eds.). CEJD. FCDEF-UP.
- GARGANTA, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de futebol- estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de Doutoramento. FCDEF-UP, Porto.
- GARGANTA, J. (1998). Analisar o jogo nos jogos desportivos colectivos. *Horizonte*, 83: 7-14.
- GARGANTA, J. (1998). Modelação táctica do jogo de futebol. Comunic.. Apres. ao World Congress of Notational Analysis. FCDEF-UP, Porto.
- GARGANTA, J. (1999). *A análise do jogo em futebol- percurso evolutivo e tendências. Mestrado- Treino de alto rendimento*. FCDEF-UP. Não publicado.
- GARGANTA, J. E PINTO, J. (1994). O ensino do futebol. In: *O Ensino dos Jogos desportivos*, 97-137. A.Graça e J.Oliveira (Eds.). CEJD. FCDEF-UP.
- GARGANTA, J., MAIA, J. & BASTO, F. (1997). Analysis of goal-scoring patterns of european top level soccer teams. In: *Proceedings of the Third World Congress of Science and Football*, 246-250, T.Reilly, J. Bangsbo & M. Hughes (Eds.). E.& F.N. Spon. London.
- GARGANTA, J. (2000). *Análise do jogo em futebol. Percurso evolutivo das concepções, métodos e instrumentos*. Gabinete de Futebol da FADEUP- Porto.
- GARGANTA, J. & CUNHA E SILVA, P. (2000). O jogo de futebol: entre o caos e a regra. *Horizonte*, 9: 5-8.
- GARGANTA, J. (2006). (Re)Fundar os conceitos de estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos, para promover uma eficácia superior. Ver. *Bras. Educação Física e Esporte*. São Paulo. V.20, p.201-03, Set. 2006. Suplemento nº5.
- GARGANTA, J. (2007). Modelação Táctica em jogos desportivos- a desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. In *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Vol. 7, supl. 1 Julho 2007, pg.13.
- GAYOSO, F. (1980). Breve estudio comparativo de la cantidad de los ensaios los tiros en la Eurocopa 80 con respecto al mundial 78. *El Entrenador Español (Futbol)*, 5:63-70.\*
- GAYOSO, F. (1982) Los goles para el Mundial/82. Resumen esquemático de los goles conseguidos por las 22 selecciones en la fase de classificacion. *El Entrenador Español (Futbol)*, 12: 53-68.\*
- GAYTON, W.F., Broida, J., & Elgee, L. (2001). An investigation of coaches's perceptions on the causes of home advantage. *Perceptual and Motor Skills*, 92, 933-936.
- GERISH, G & REICHELTL, M. (1993). Computer and videoaided analysis of football games. In: *Science and Football II*, 167-173. Proceedings of the Second World Congress of Science and Football. Eindhoven, Netherlandas. T. Reilly, A. Lees, K. Davis, W.J. Murphy (Eds). E. & F.N. Spon. London..
- GODIK, M.A. & POPOV, A.V. (1993). *La preparación del Futbolista*. Ed. Paidotribo.\*
- GRÉHAIGNE, J.F. (1988) game systems in soccer from the point of veiwof coverage space. In: *Science and Football*, 316-321. Proceedings of the First World Congress of Science and Football. Liverpool, 1987. T. Reilly, A. Lees, K. Davis, W.J. Murphy (Eds). E. & F.N. Spon. London- New York.

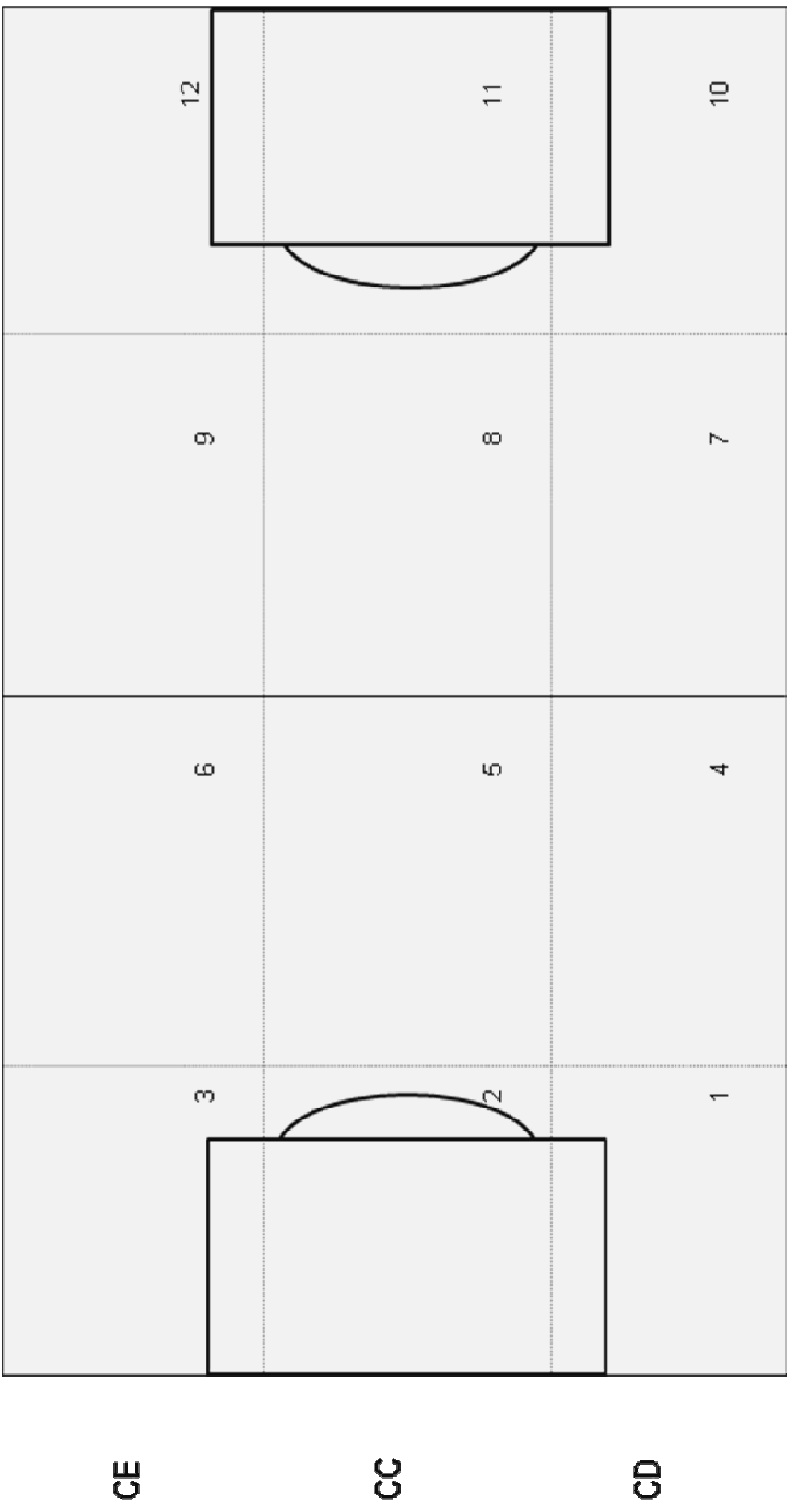
- GRÉHAIGNE, J.F. (1992). *L'organisation du jeu en football*. Editions Actio.\*
- GRÉHAIGNE, J.F. (1992<sup>a</sup>). Modélisation de system attaque/ defense en football. In *Quelsques contenus pour L'EPS de Demain: 141-152. Actes de Conférence Européene*. Paris.\*
- GRÉHAIGNE, J.F. & GUILLON, R. (1992b). L'utilisation des jeux d'opposition à l'école. *EPS*. Vol.32, 2: 51-77.\*
- HUGHES, M.; ROBERTSON, K.; NICHOLSON, A. (1988). Comparison of patterns of play of successful and unsuccessful teams in the World Cup for soccer. In: *Science and Football*, 363-367. Proceedings of the First World Congress of Science and Football. Liverpool, 1987. T.Reilly, A. Lees, K. Davis & WJ. Murphy (Eds.). E. & F.N. Spon. London-New York.
- HUGHES, C. (1990). *The winning formula*. London William Collins & Co. Ltd. London.
- JINSHAN, X., XIAOKE, C., YAMANAKA, K. & MATSUMOTO, M. (1993). Analysis of the goals in the 14<sup>th</sup> World Cup. In: *Science and Football II*: 203-205. Proceedings of the second World Congress of Science and Football. Eindhoven. Netherlandas, 1991. T. Reilly, J. Clarys & A. Stibbe (Eds.). E. & F.N. Spon. London.
- JOHNSON, P. (2002). *Soccer tactics, strategy and positions*. Scholastic Books. Boston.
- KONZAG, F. (1991). A formação técnico-táctica nos JDC. *Treino Desportivo*. 19: 27-37.
- LARSEN, O; ZOGLOWEK, H. & RAFOSS, K. (1996). An analysis of team performance among women soccer teams in the Olympics in Atlanta '96. Comunic. Apres. Ao Third World Congress of Notational Analysis of Sport. Antalya. Turquia.\*
- LUHTANEN, P. & VALOVIRTA, E. (1996). A performance profile of Jari Litmanen in the World Cup 1994-1995. Comunic. Apres. Ao Third World Congress of Notational Analysis of Sport. Antalya. Turquia.\*
- MENDES, A. (2002). *Transições Defesa-Ataque no Futebol. Estudo comparativo das características do Modelo de Jogo adoptado por uma equipa da 1 Liga e a correspondente equipa B*. Porto: Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.
- MORRIS, D. (1981). *The soccer tribe*. Jonathan Cape Ltd. London.\*
- MOUTINHO, C. (1993). *Construção de um sistema de observação e avaliação da distribuição em voleibol, para equipas de rendimento*. Dissertação apresentada às provas de capacidade científica. FCDEF-UP.
- NETO, J. (1993). *A observação no futebol*. Edição do autor. Paços de Ferreira.
- PARTRIGDE, D; MOSHER, R. & FRANKS, I. (1993). A computer assisted analysis of technical performance- A comparison of the 1990 World Cup and intercollegiate soccer. In: *Science and Football II*: 221-231. Proceedings of the second World Congress of Science and Football. Eindhoven. Netherlandas, 1991. T. Reilly, J. Clarys & A. Stibbe (Eds.). E. & F.N. Spon. London.
- POLLARD, R. (2002). Evidence of reduced home advantage when a team moves to a new stadium. *Jornal of Sports Sciences*, 20, 969-973.
- OLSEN, E. (1988). An analysis of goal scoring strategies in the World Championship in México, 1986. In: *Science and Football*, 372-376. Proceedings of the First World Congress

- of Science and Football. Liverpool, 1987. T.Reilly, A. Lees, K. Davis & WJ. Murphy (Eds.). E. & F.N. Spon. London-New York.
- PERES, M. (2001). Entrevista Técnica. *Training* 4, 2-4.
  - PERLADO, J.C.G. (1993). Dinámica de los partidos de futbol. *El Entrenador Español (Futbol)*, 56: 52-58.
  - PINTO, J & GARGANTA, J. (1989). Futebol importância do modelo de jogo no seu desenvolvimento. *Horizonte*, 33: 94-98.
  - PINTO, J. (1991). A caracterização do esforço no futebol e algumas das suas implicações no treino. *Comunicação apresentada no II Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa*. Porto.\*
  - PINTO, J. (1996). A tática no futebol: abordagem conceptual e implicações na formação. In: *Estratégia Tática nos JDC*: 51-62. J.Oliveira & F. Tavares (eds.). CEJD. FCDEF-UP.
  - PINTO, J. & GARGANTA, J. (1996). Contributo da modelação da competição e do treino para a evolução do nível de jogo no futebol. In: *Estratégia e Tática nos JDC*: 83-94. J.Oliveira & F. Tavares (Eds.). CEJD. FCDEF-UP.
  - POLLARD, R. (1988). The quantitative comparison of playing styles in soccer. In: *Science and Football*, 309-315. Proceedings of the First World Congress of Science and Football. Liverpool, 1987. T.Reilly, A. Lees, K. Davis & WJ. Murphy (Eds.). E. & F.N. Spon. London-New York.
  - PUIGNAIRE, A.R, & REYS, M.N. (1990). Analisis de la accion tecnico-tactica del portero ante el penalti. Analisis de las zonas del campo y la superficie de contacto con la que se produjeram los goles. *El Entrenador Español (Futbol)*, 45: 25-38.\*
  - QUEIROZ, C. (1886). *Estrutura e Organização dos exercícios em Futebol*. FPF. Lisboa.
  - REBELO, A. (1993<sup>a</sup>). *Caracterização da actividade física do futebolista em competição*. Dissertação apres. às Provas de Capacidade Científica. FCDEF-UP.
  - REBELO, A. (1993<sup>b</sup>). Caracterização da actividade física do futebolista. *Espaço*, Vol. I, 2: 95-104.\*
  - REEP, C. & BENJAMIN, B. (1986). *Skill and Chance in association Football*. J. Royal Soc. Statistic, 1 (131): 581-585.\*
  - RIERA, J. (1995). Estrategia, tática y técnica desportivas. *Apunts Educ. Fis. Deportes*, 39: 45-56.\*
  - SAFON-TRIA, B; NICOLAU, J. & RIERA, J. (1996). Propuesta de analisis de la tática individual ofensiva en el futbol. *Apunts* 43: 63-71.\*
  - SANTOS, R. (2003). *Perfil tático-técnico em futebol de alto rendimento. Comparação da performance de dois pontas de lança pertencentes ao mesmo clube, em épocas diferentes*. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.
  - SLEZIEWSKI, D. (1987). XIII Campeonatos Mundiales de Futbol, Méjico'86. Análisis de las acciones de gol. *El Entrenador Español (Futbol)*, 34: 8-17.\*

- SOUSA, P (2000). *Perfil de Prestação do Ponta de Lança de Alto rendimento em Futebol. Estudo de caso baseado na comparação do comportamento tático-técnico do jogador com a percepção do treinador*. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.
- SCHNABEL, G. (1988). Il fattore tecnico-coordinativo. *Rivista di Cultura Sportiva*, 13: 23:27.\*
- SWARTZ, B. & BARSKY, S. (1977). The home advantage. *Social Forces*, 55, 641-661.
- TAVARES, F. (1994). O processamento da informação nos jogos desportivos colectivos. In: *Ensino dos jogos desportivos*. 35-46. A.Graça & J.Oliveira (Eds.). CEJD. FCDEF-UP.
- TEODURESCO, L. (1984). *Problemas de teoria e metodologia de treino nos jogos desportivos colectivos*.
- TEODURESCO, L. (1987). Orientações e tendências da Teoria e Metodologia de Treino nos Jogos Desportivos. *Futebol em revista*, 4ª série, 23: 37-45.
- VAN MEERBECK, J.; VAN GOOL, D. & GISJBECHT, E. (1983). Championnat du monde de football: analyses des mouvements d'attaque couronnés de success. *L' entraîneur Français*, 183: 6-7. \*
- VARCA, P. (1980). An analysis of home and away performance of college basketball teams. *Journal of Sport Psychology*, 2, 245-257.
- WRINKLER, W. (1988). A new approach to the video analysis of tactical aspects of soccer. In: *Science and Football*, 378-372. Proceedings of the First World Congress of Science and Football. Liverpool, 1987. T. Reilly, A. Lees, K. Davis, W.J. Murphy (Eds). E. & F.N. Spon. London- New York.
- WRZOS, J. (1984). *Football- La tactique de l'attaque*. Brakel: Ed. Broodcoureus Michel.\*
- YAMANAKA, K. ET AL. (1993). An analysis of the playing patterns of the Japan national team in the 1994 World cup qualifying match for Asia. In: *Proceedings of the Third World Congress of Science and Football*, 246-250, T.Reilly, J. Bangsbo & M. Hughes (Eds.). E.& F.N. Spon. London.

\* Referencia de consulta indirecta

# Anexo I



SD

SMD

SMO

SO

Sentido do Ataque →

# Anexo II







# Anexo III

# Faculdade de Desporto

## Universidade do Porto

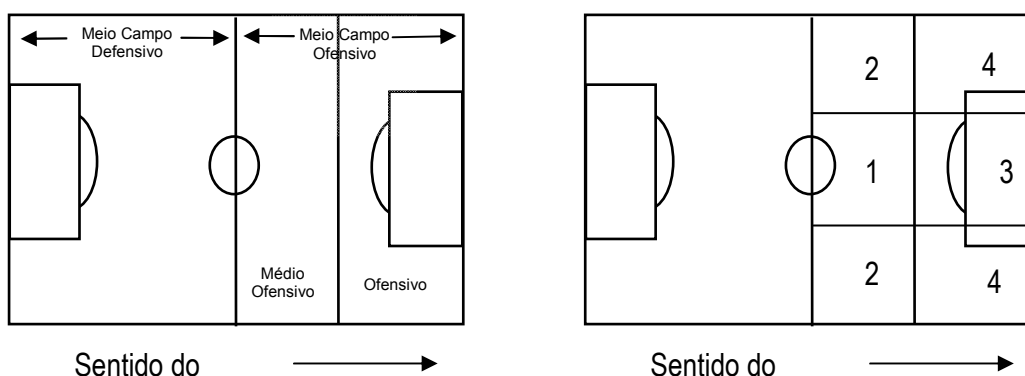
### Questionário

O presente questionário visa apurar os aspectos Tático-Técnicos que caracterizam o Médio-Defensivo (M.D.), assim como as zonas e posições mais ocupadas por este. Solicitamos-lhe que após o preenchimento, nos devolva o questionário com a brevidade possível.

Obrigado pela sua colaboração.

#### 1 – Processo Ofensivo (acções com e sem bola)

1.1. Tendo em consideração a seguinte divisão do terreno de jogo (ver campograma) em: Meio Campo Defensivo e Meio Campo Ofensivo (sector médio ofensivo, sector ofensivo e os corredores laterais e central), responda por favor, às seguintes questões:



1.1.1. Durante o processo ofensivo (ataque), quando o M.D. não tem a posse de bola, quais as zonas predominantemente ocupadas por este?

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
<b>Meio Campo Defensivo</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Meio Campo Ofensivo:</b>					
- na zona central, sector médio ofensivo (1)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- na zona lateral, sector médio ofensivo (2)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- na zona central, sector ofensivo (3)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- na zona lateral, sector ofensivo (4)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

1.1.2. Durante o processo ofensivo (ataque), quando o M.D. tem a posse de bola, quais as zonas predominantemente ocupadas por este?

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
<b>Meio Campo Defensivo</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Meio Campo Ofensivo:</b>					
- na zona central, sector médio ofensivo (1)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- na zona lateral, sector médio ofensivo (2)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- na zona central, sector ofensivo (3)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- na zona lateral, sector ofensivo (4)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

1.2. Tendo em consideração os diferentes sectores: meio campo defensivo e meio campo ofensivo (médio ofensivo e ofensivo) (ver campograma). Quais os aspectos, abaixo referidos, que são mais executados/utilizados pelo M.D. durante o processo ofensivo (ataque).

	<b>Meio Campo Defensivo</b>	<b>Meio Campo Ofensivo</b>	
		Médio Ofensivo	Ofensivo
Desmarcação em apoio (apoio ao colega com bola – criação de linhas de passe).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desmarcação de ruptura/Penetração (criação de vantagem espacial e numérica).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ocupação de espaços livres.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criação de linhas de passe.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criação de espaços livres.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Manutenção da Posse de Bola.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Variabilidade da posição (mobilidade).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Duelo 1x1 (ofensivo).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Simulação.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Drible.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Condução de Bola.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Passe.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Remate.....

1.2.1.- Se há outros aspectos que considere fundamentais, refira-os por favor.

---



---



---

1.3.- Nas situações de bola parada (a favor), próximo da grande área/baliza adversária (sector ofensivo), qual o nível de participação do Médio-defensivo?

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Cantos (executa).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Livres (executa).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lançamentos linha lateral (executa).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Grandes Penalidades (executa).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

1.3.2.- Se respondeu Nunca ou Raramente executa cantos, qual o espaço/posição ocupada pelo Médio-Defensivo?

**Cantos (a favor)**

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Ocupa um espaço próximo do 1º poste.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ocupa um espaço próximo do 2º poste.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ocupa um espaço no centro da grande área.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Posiciona-se livremente dentro da grande área..	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Posiciona-se livremente fora da grande área.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escolhe (livremente) a posição mais adequada..	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

1.3.3.- Se há outros aspectos que considere fundamentais, relativamente a este tipo de situações (bola parada), refira-os por favor.

---



---



---

1.4.- O resultado parcial (vantagem, empate e desvantagem) no jogo condiciona os aspectos (processo ofensivo) atrás referidos?

Sim   
 Não

1.5.- O facto de jogar FORA ou em CASA condiciona os aspectos (processo ofensivo) atrás referidos?

Sim   
 Não

1.6.- Se respondeu Sim, diga quais os aspectos, do processo ofensivo, que são alterados?

---



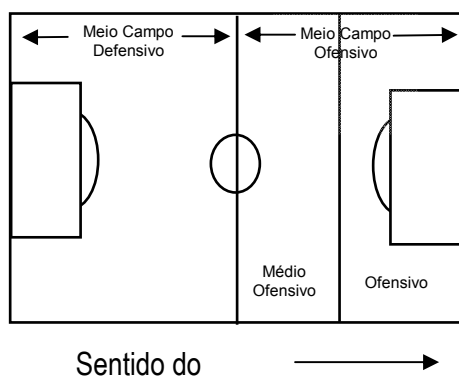
---



---

## 2- Processo Defensivo

2.1.- Tendo em consideração a seguinte divisão do terreno de jogo (ver campograma) em: Meio campo defensivo e Meio campo ofensivo (sector médio ofensivo e sector ofensivo), responda por favor, às seguintes questões:



Durante o processo defensivo (recuperação da posse de bola), quais as zonas predominantemente ocupadas pelo Médio- defensivo?

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
<b>Meio campo defensivo</b> .....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Meio campo ofensivo:</b>					
- sector médio ofensivo.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- sector ofensivo.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.2.- Tendo em consideração a seguinte divisão do terreno de jogo (ver campograma) em: Meio campo defensivo e Meio campo ofensivo (sector médio ofensivo e sector ofensivo), e o tipo de participação do Médio- defensivo na recuperação da posse de bola, responda por favor, ás seguintes questões:



2.2.1. Defende de forma Passiva (recupera para trás da linha da bola, mas mantém-se longe da zona de recuperação da bola?)

	<b>Meio campo ofensivo</b>		
	<b>Meio campo Defensivo</b>	<b>Médio Ofensivo</b>	<b>Ofensivo</b>
Sim	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Não	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

2.2.2.- Defende de forma Activa (recupera para trás da linha da bola, mantendo-se próximo da zona de recuperação da bola ou pressiona activamente o portador da bola?)

	<b>Meio campo ofensivo</b>		
	<b>Meio campo Defensivo</b>	<b>Médio Ofensivo</b>	<b>Ofensivo</b>
Sim	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Não	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

2.2.3.- Não defende (não recupera para trás da linha da bola?)

	<b>Meio campo ofensivo</b>		
	<b>Meio campo Defensivo</b>	<b>Médio Ofensivo</b>	<b>Ofensivo</b>
Não	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

2.3.- Se há outros aspectos que considere fundamentais, relativamente a este tipo de situações, refira-os por favor.

---



---



---

2.4.- Tendo em consideração os diferentes sectores: Meio campo defensivo e Meio campo ofensivo (sector médio ofensivo e sector ofensivo). Quais os aspectos abaixo referidos, que são **mais utilizados pelo Médio-defensivo**, durante o processo defensivo (**recuperação da posse de bola**).

	Meio campo Defensivo	Meio campo ofensivo	
		Médio Ofensivo	Ofensivo
<b>Contenção</b> (1º defesa- marcação individual ao jogador com bola) .....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Cobertura</b> (2º defesa- apoio ao colega que marca o adversário com bola) .....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Cortar linhas de passe</b> (cobrir espaços e jogadores livres) .....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Criar Superioridade numérica.....</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Intercepção</b> .....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Desarme</b> (duelo 1x1) .....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.4.1.- Se há outros aspectos que considere fundamentais, refira-os por favor.

---



---



---

2.5.- Nas situações de bola parada (contra), próximo da grande área/ baliza (sector defensivo), qual o nível de participação do Médio-defensivo?

2.5.1.- Cantos (contra):

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
<b>Marcação individual (HxH).....</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Marca à zona.....</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Ocupa um espaço próximo do 1º Poste.....</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Ocupa um espaço próximo do 2º</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Poste.....

2.5.2.- Livres (contra, próximos da sua grande área/baliza):

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
O Pivot-defensivo é um dos elementos que constitui a barreira.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ocupa uma posição fora da barreira.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Posiciona-se livremente dentro da grande área..	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Posiciona-se livremente fora da grande área.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escolhe (livremente) a posição a ocupar.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Marca Individualmente (HxH).....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Marca à zona.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.5.3.- Se há outros aspectos que considere fundamentais, relativamente a este tipo de situações (bola parada/ contra), refira-os por favor.

---

---

---

---

2.6.- O resultado parcial (vantagem, empate e desvantagem) no jogo condiciona os aspectos (processo defensivo) atrás referidos?

Sim

Não

2.7.- O facto de jogar FORA ou em CASA condiciona os aspectos atrás referidos?

Sim

Não

2.8.- Se respondeu Sim, diga quais os aspectos do processo defensivo que são alterados?

---

---

---

---

**3- O resultado parcial do jogo** condiciona as acções táctico-técnicas ou táctico-estratégicas realizadas pelo pivot

	Sim	Não
- Quando a equipa esta a perder.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Quando a equipa está empatada.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Quando a equipa está a ganhar.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**4- Na sua opinião**, foram omitidos alguns tópicos importantes para a caracterização táctico-técnica do Médio-defensivo.

---

---

---

---

5- Agradecemos a atenção dispensada. Se pretender fazer quaisquer observações utilize o espaço que se segue.

---

---

---

---

Obrigado pela sua colaboração